



Victor Hugo
Espírita

HUMBERTO MARIOTTI

HUMBERTO MARIOTTI

VICTOR HUGO, ESPÍRITA



S. B. do Campo — SP
Brasil

DIGITALIZAÇÃO:
PENSE - Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense
São Vicente-SP - Julho de 2012

1ª edição
5.000 exemplares
Abril/1989

Tradução: W. Garcia
Título do original: Victor Hugo, el poeta del Más Allá
Capa: Malu Silveira

© by
Editora Espírita Correio Fraternal do ABC
Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
09700 — S. Bernardo do Campo — S. Paulo, SP — Caixa Postal 58
Fones: 419-2939 e 419-1960

(A Editora Espírita Correio Fraternal do ABC não possui fins lucrativos; seus diretores não percebem qualquer remuneração. Todos os resultados financeiros se destinam à divulgação do Espiritismo codificado por Allan Kardec e às obras de assistência à criança, em colaboração com o Lar da Criança Emmanuel.)

ÍNDICE

Palavras do Tradutor	7
1.Introdução	9
2.A vida filosófica e religiosa de Victor Hugo	12
3.Para uma filosofia poética	17
4.Em torno do ser profundo de Victor Hugo	20
5.O exílio luminoso	24
6.A experiência espírita de Victor Hugo	30
7.Algumas respostas mediúnicas	36
8.Victor Hugo e as vidas sucessivas do ser	41
9.Duas sentenças que resumem o sentimento filosófico do poeta	46
10.Uma alocução palingenésica a materialistas e ateus	52
11.Coincidências ideológicas com José Garibaldi e José Mazzini	58
12.Atualidade ontológica das reminiscências platônicas	62
13.Victor Hugo e o sentido da história	66
14.Por que a crítica literária esconde o pensamento espírita de Victor Hugo?	70
15.Advento da literatura mediúnica e espírita	72
16.Os dons mediúnicos e poéticos	78
17.Síntese	83
18.Fisionomia espiritual de Victor Hugo	85
19.Jean-Paul Sartre e Victor Hugo	91
Adendo	
20.Perguntas sobre o próprio Eu	96
21.A pré-existência como base espiritual do Eu	99
22.O nascimento como um regresso do Eu	102
23.A consciência palingenésica nos homens e nos povos	104

PALAVRAS DO TRADUTOR

Foi no início de 1982 que tomei contato, pela primeira vez, com o livro de Humberto Mariotti sobre essa personalidade incrível que é Victor Hugo. Estava eu na casa do Jorge Rizzini, quando ele mostrou-me o exemplar há pouco recebido, editado em Buenos Aires, com a dedicatória do autor. Bastaram algumas folheadas para que despertasse em mim o desejo de traduzi-lo para o português. Ato-contínuo, escrevemos ao Mariotti sobre essa intenção, ao que ele respondeu positivamente. Três meses após sua resposta, ou seja, a 17 de maio de 1982, Mariotti passou para o mundo dos espíritos, deixando entre nós várias obras nas quais ressalta sua inabalável convicção espírita, aliada a um entusiasmo raro.

A estas explicações devo juntar algumas outras. Em primeiro lugar, uma palavra sobre o título. Em vez de “Victor Hugo, o Poeta do Mais-Além”, como seria natural (no original está “Victor Hugo, el Poeta del Más Allá), optamos por “Victor Hugo Espírita” entendendo que o livro retrata a ação do insuperável mestre da literatura francesa após os fenômenos ocorridos na ilha de Jersey, ocasião em que Victor Hugo converteu-se ao Espiritismo. Como afirma Mariotti, Victor Hugo defendeu até o fim de sua vida os princípios da

Doutrina Espírita. E este livro mostra a influência que o Espiritismo teve na produção literária de Victor Hugo, parecendo-me justo, portanto, o título de “Victor Hugo Espírita”. Além do mais, é preciso colocar a posição espírita de Victor Hugo de modo incisivo, porque grande parte dos estudiosos e críticos de sua obra escondem esse aspecto ou torcem o nariz.

Em segundo lugar, devo uma explicação sobre as poesias comentadas por Mariotti no livro. Pareceu-me mais correto mantê-las na língua espanhola por várias razões: as de Victor Hugo já haviam sido traduzidas do francês pelo poeta espanhol Salvador Sellés e uma terceira tradução iria, com certeza, torná-las mais distantes de sua beleza original. As demais, comentadas e transcritas no livro por Mariotti, são facilmente compreendidas na língua-irmã. Mantendo-as pois na língua em que foram escritas resguardamos também a formosura com que foram concebidas.

Devo, finalmente, agradecer as sugestões de meu amigo, escritor e médium, Jorge Rizzini, através de quem este livro me veio às mãos, e à boa vontade de alguns companheiros, que se colocaram à minha disposição para o trabalho de revisão poética, afinal não utilizado pelas razões acima. E registrar, como homenagem, a imensa paciência de minha esposa, Suely, que neste como noutros trabalhos, suporta noites e dias a minha ausência. E, por compreender meu ideal, apoia-me.

Fique, a partir de agora, o leitor com Victor Hugo neste belíssimo retrato traçado por Humberto Mariotti. E tire dele as lições vivas de idealismo que ele nos oferece. O tempo corre.

São Paulo, 15 de fevereiro de 1989.

Wilson Garcia

INTRODUÇÃO

Apenas um real e positivo idealismo pode dar vigor e energia à natureza humana. Apenas um ideal que seja capaz de sobrepor-se à dura realidade do dia-a-dia pode ajudar o homem a lutar contra aquilo que está destruindo o verdadeiro sentido da vida. Este ideal está na beleza, na justiça e no bem, mas, principalmente, na poesia que simultaneamente pode vincular o homem tanto ao humano quanto ao transcendente.

O homem como Idéia poderá olhar de frente e com segurança o mundo material e o mistério do universo; mas, considerado como um reflexo dos fenômenos físicos, o homem será um ser sem liberdade e sujeito ao mecanismo do meio em que está situado. Porém, a vontade humana será real apenas mediante a autoliberdade do ser. O Ideal é como o vapor que pode movimentar um grande volume de ferro, razão pela qual o homem não será o verdadeiro motor da história enquanto for considerado como um reflexo do meio em que vive. O homem, a moral e a sociedade serão realidades criadoras apenas quando a vontade puder gerar sua própria liberdade sobre a base de um ideal inspirado na verdade.

Se o homem não for uma idéia soberana e criadora será um ser sem dignidade. Será apenas um

mecanismo que aciona as causas dos reflexos circundantes e uma consequência das forças físicas sem nenhuma teleologia moral ou espiritual. A verdade e a justiça não são anuladas por ser o homem uma Idéia. O verdadeiro homem progressista é o que se sustenta pela força da Idéia e, por isso mesmo, pelo Espírito. Os que são capazes de forjar o bem para a humanidade são os que vivem iluminados pela luz que emana de sua própria inteligência. São os que vivem sustentados pelo Ideal porque se sentem idéia que se sobrepõe às influências opressoras dos fenômenos físicos.

Victor Hugo foi um exemplo do que dissemos. Sua natureza poética não surgiu em seu Ser pelos reflexos do meio ambiente de sua época. Ao contrário, seu ser foi poético, idealista e amante da justiça porque esses valores morais estavam em seu espírito e não fora dele. Não se chega a escrever um poema somente com os reflexos materiais que influem sobre a inteligência. Um poema se escreve quando o espírito possui as condições indispensáveis para dar curso a esse fenômeno poético.

A verdade e a justiça não estarão no homem pela ação reflexa do meio; tais valores éticos sugirão da Idéia que determina o ser espiritual e social do homem. Surgem da consciência, que é onde Victor Hugo falou a Deus e, logo, ao Espírito. O autor de *Os Miseráveis* foi uma vida que lutou pela Idéia apesar dos mais variados obstáculos sociais que atingiram sua sensibilidade. Mas não foi um homem que amarrou seu ideal ao mundo exclusivo da matéria. Sua inteligência penetrou no Mais Além não apenas para ver uma nova imagem das coisas objetivas, mas para descobrir a essência da vida imortal do Espírito.

Victor Hugo sabia que somente se constrói um mundo novo e melhor se as asas do pensamento não são atropeladas pelas garras da vulgaridade e da indiferença. Por isso é necessário o Ideal,

é indispensável a Fé e urge conhecer o sentido da vida, posto que sem uma teleologia espiritual o ser e a existência se apresentam como dois enigmas que desembocam num abismo.

Victor Hugo não se rendeu à morte e ao nada. Afirmou pela poesia a vida do Espírito e da Idéia e lutou como um gigante para mostrar ao homem a essência divina e imortal que se esconde em sua carne perecível.

A VISÃO FILOSÓFICA E RELIGIOSA DE VICTOR HUGO

O grande poeta francês, Victor Hugo, sobre quem desejamos esboçar modestamente partes de seu pensamento filosófico e religioso, sustentou notáveis pontos de vista, que expressou em linguagem poética profunda. Poder-se-ia dizer que em seu livro *Deus, Literatura e Filosofia* manifestou as bases de um que-fazer filosófico e religioso. O poeta ouvia vozes que o instruíam sobre “coisas prodigiosas e surpreendentes”. Essas vozes lhe falaram sobre o sentido da vida e as angústias do homem para encontrar o Ser Supremo como embasamento de tudo o que existia. Essas vozes, porém, apenas o fizeram compreender que o homem é um inseto que destrói suas asas ao chocar-se contra “vidros coloridos”; assim, exclamou: “Como! Tudo acabará no nada supremo! Todos os esforços do gênio e do pensamento humano se perderão, inúteis, no vazio!”

Por esse estado espiritual de Victor Hugo se chegou a compreender que toda a sua obra não foi mais que uma reação filosófica e religiosa contra o niilismo do ser. Como Miguel de Unamuno, escreveu buscando as bases da existência em Deus. Sentia, de fato, que sem uma Causa Suprema presidindo o desenvolvimento do universo toda a obra humana careceria de significação moral. Victor Hugo, guiado pelo seu *daimon* poético, procurou can-

sativamente o sentido da vida e da história. Sua poesia foi uma afirmação - repetimos - do homem e da verdade, aquela que brotava de sua alma clara e sonora por causa de suas profundas convicções espirituais. Pois bem, ao enfrentar-se com o problema religioso, fê-lo primeiro com o ateísmo que viu simbolizado num morcego. Porém, o nada ressoou em seu ser como uma realidade; lutou contra ela com decisão espiritual, pois pressentia em sua intimidade existencial outro destino para o homem. Não aceitava que Jeová, Cristo, Alá fossem “um sombrio monte de aparências loucas”.

Considerou o ceticismo como o pássaro-da-morte, que lutou contra seu espírito com duras expressões. Por isto, perguntou o poeta: “Estarei sozinho no infinito horroroso?” E juntou: “Existo eu mesmo?” Indubitavelmente, o ceticismo não abateu seu ânimo, porque sentia constantemente em seu interior as vozes de fé e esperança. Seu alterego não se resignava à idéia do não-ser; toda sua energia moral voltou-se para a defesa do espírito. O poeta acreditava que a vida e o homem seriam duas realidades alimentadas por uma única essência espiritual.

Victor Hugo prosseguiu estudando o paganismo, vendo-o representado em um abutre. Uma voz sempre empenhada em difundir a negação do Ser se dirigiu ao poeta para dizer-lhe: “Enquanto homem, que és? Nada. Já o tenho dito a ti. Obra do barro perdido por Júpiter, não existindo sob o céu escuro de onde cai a sentença, lei ou liberdade, direito ou resistência, não és mais do que o juguete dos monstros”. A voz falou-lhe de uma certa claridade, mas quando Victor Hugo perguntou-lhe onde se encontrava o abutre do paganismo, desapareceu sem responder.

A águia representou o mosaísmo e narrou dramas e enigmas terrenos; agora, porém, a voz mencionou a existência de um Deus único. Quer dizer,

surgiu daquele ser alado uma voz menos sombria que as anteriores. Daquela águia emanava uma pequena claridade que lhe permitia ver os caminhos escuros da montanha. Enquanto o abismo estremecia, o poeta escutou uma mensagem diferente. Percebeu que o ser não está mais sozinho em sua aventura existencial. Por isso, disse-lhe a voz: “Sim, Deus fez o todo! Os céus, os montes, os animais, vossos ruídos e as sombras que projetais.” E a partir desse momento o homem é uma criação divina, um fragmento de vida que pode progredir com uma tocha nas mãos”.

Mais tarde, aparece o grifo dizendo-lhe que a águia dorme e apenas ele pode ser elevado ao alto por Deus. O poeta percebeu que ele falava do Cristianismo, afirmando: “O homem é a alma; o homem leva em si um raio de luz: a matéria sozinha é a condenação”. Foi assim que o caos se transformou em harmonia e o azar em finalidade. Nesta visão de Victor Hugo, o Ser se apresenta com um sentido transcendente. O Cristianismo se sobrepõe às negações anteriores, àquelas vozes que falavam somente do nada e da morte. O grifo ampliou logo seu pensamento e disse: “Águia, Cristo sabe mais que Moisés. Moisés possuía apenas os raios, o Cristo tinha os cravos. Não, Deus não é ciumento! Não, Deus não dorme, arrastando toda a criação! O homem não morre de todo!”

O surgimento do Cristianismo teve a virtude de materializar um anjo, que representava o racionalismo. Ao ver o poeta, o anjo expressou conceitos que lhe deram as bases para uma nova filosofia do homem. Eis alguns dos seus pensamentos:

“Todos os seres são, foram e serão.”

“Que haja cinza no coração que leva lama à frente, todo o ser é imortal como essência e conquistista o que se lhe deve pela lei que o governa. O fato de ser pequeno, imperceptível, não é motivo para não ter porvir; nada padece em vão.”

“Tudo vive. A criação esconde os renascimentos.”

“Chama de Deus, a alma existe em todas as coisas. O mundo é um conjunto em que nada está só! Todo corpo esconde um espírito! Toda carne é uma mortalha e para ver a alma é preciso compreender o sudário.”

“Todo ser, qualquer que seja, do astro ao estreme, do estúpido ao profeta é um espírito arrastando uma forma final.”¹

Foi assim que surgiu a luz para o poeta, ou seja, “o que todavia não tem nome”. Um novo esquema do Ser e do universo dão-lhe as bases para uma visão renovada, filosófica e religiosa, do Cristianismo. Era uma “luz com duas asas brancas”, cuja claridade disse-lhe: “Quem quer que sejas, escuta: Deus existe”. Foi assim que Victor Hugo encontrou Deus enfim; não obstante, perguntou: “Quem és?” e em seguida respondeu ele mesmo: “Renuncio sabê-lo. A pergunta é a sombra, o mundo a resposta. Deus existe”. E juntou: “O ser é uma família na qual o homem é o irmão maior. Alma mais elevada, deve em seus combates derramar seu azul sobre as plantas em baixo. O homem, apesar de seu ódio e de sua clemência é o princípio da luz imensa. A igualdade na sombra esboça a unidade. A unidade é o término do caminho da luz”.

Apesar do caos que seu gênio viu em tudo, não vacilou em dizer: “Alma! Ser, tu és amor. Deus existe”. O caos que via transformou-se por mutações progressivas em ordem e harmonia. Por isso, insistiu em lutar contra a morte e o nada do Ser, vertendo “todo seu azul” poético e filosófico sobre a terra, confiando nos fundamentos morais do universo. Daí, afirmou o poeta: “A matéria nada é. Apenas a alma existe”.

1. Do livro Deus, Literatura e Filosofia.

Pois bem, nem Max Scheler nem Rudolf Otto nem outros filósofos parecidos, tampouco pensadores cristãos como Sören Kierkegaard, Kar Barth, Jacques Maritain conseguiram perceber esse Mais Além como um sustentáculo do mundo visível. Victor Hugo penetrou no chamado mistério do Ser poeticamente como o fizeram misticamente Santa Te-reza de Jesus, São João da Cruz e outros místicos do Oriente e do Ocidente. Sua visão filosófica e religiosa coincidiu com a Eterna Verdade expressa através do processo histórico da humanidade. Pois a unidade espiritual eleva o conhecimento à região dos iguais, a esse nível onde o particular se esfuma e os reflexos do duvidoso e incerto desaparecem.

PARA UMA FILOSOFIA POÉTICA

Victor Hugo foi um dos poetas que esboçaram a possibilidade de uma filosofia poética. No verso como na prosa, tratou sempre de temas transcendentais relacionados com o homem e o mundo. Se bem seja certo que no acadêmico não se admite uma filosofia poética, seria bom recordar que Hegel, apesar de seu tecnicismo complicado, expunha conceitos metafísicos que se relacionavam intimamente com o poético.

George Santayana, com seu livro *Três poetas filosóficos: Lucrecio, Dante, Goethe*, contribuiu para sustentar esta tese referente a uma filosofia poética. Mas é chegado o momento de considerar que se a filosofia há-de cumprir um papel especial entre os homens, só o conseguirá mediante valores ontológicos e poéticos, pois o estilo obscuro e técnico de um Heidegger ou de um Sartre, por exemplo, em nada contribui para a compreensão das essências da filosofia. O existencialismo como que-fazer filosófico é, poder-se-ia dizer, como uma reação contra o tecnicismo filosófico onde apenas se vislumbra o “problema do Ser” pelas complicações filológicas incompreensíveis ainda para os homens entregues ao estudo e à cultura.

O caso de Victor Hugo não foi considerado pela história da filosofia e o mesmo se poderia di-

zer da obra de Miguel de Unamuno, onde a poesia se une à filosofia.

Sem dúvida, a filosofia deverá ser poética e religiosa ou não passará de uma acumulação de páginas técnicas que jamais chegarão a projetar luz na alma do pensador. Caso o filósofo se contente apenas com a linguagem técnica, o “conhece-te a ti mesmo” dos gregos antigos jamais se produzirá na alma dos homens.

A filosofia esboçada pelo autor de *As Contemplações* estará assentada sempre sobre a beleza, posto que o Ser é uma entidade sensível que só evolui por ela rumo ao bem e à verdade. Se não opta por voltar ao reino da sabedoria; se prefere objetivar-se no temporal como uma disciplina acadêmica, o *daimon* da filosofia permanecerá mudo e o espírito humano será abatido pelas trevas do niilismo.

Victor Hugo filosofou pela poesia porque desceu às profundidades do Ser, reconhecendo que não será sistematizando o presente que a sabedoria se tornará uma luz para os espíritos. Como já dissemos neste livro, Victor Hugo percebeu que a beleza determina a verdadeira filosofia; mas considerou também que o Ser não chegará à verdade através de uma única vida. Seu próprio gênio não cabia dentro de uma vida única porque a alma procede de distâncias misteriosas para avançar rumo a horizontes desconhecidos. A filosofia poética de nosso poeta se baseou nessa concepção espiritual do homem e foi por isso que a beleza traduzida em amor lhe permitiu aceitar que as almas são, realmente, viajoras do infinito.

Quando Victor Hugo disse: “Quem diz poesia diz filosofia e saber” - deixou assentadas as possibilidades de um que-fazer filosófico expresso por uma linguagem poética. A poesia na obra do poeta é, sempre, afirmação, esperança, amor, passado e futuro. É o espírito poético que penetra nos domínios ontológicos da existência e que não se li-

mita exclusivamente à literatura. O gênio de Victor Hugo é caudaloso e transborda as dimensões do formal para penetrar no filosófico e religioso. Daí devemos considerá-lo um poeta-filósofo e um filósofo-poeta. Por isso, em seu gênio se sintetizam todas as manifestações da vida humana. Nele encontramos o social, o religioso, o crítico, o político e o artístico em relação com o Ser.

Quando a filosofia poética esboçada por Victor Hugo se manifestar nos criadores contemporâneos; quando a beleza e a filosofia demonstrarem que o homem não é “uma paixão inútil”, como deseja Sartre, a missão do conhecimento se cumprirá mediante uma reivindicação moral e existencial de homens e povos. Dar-se-á vez a formas de vida social assentadas sobre a dignidade humana, alimentadas pela verdade e beleza, porque o homem de Victor Hugo é um batalhador que luta por encontrar Deus e o sentido da vida.

EM TORNO DO SER PROFUNDO DE VICTOR HUGO

Por mais profunda que seja a crítica em relação à personalidade de Victor Hugo, nela não penetrará enquanto não medir sua existência com o critério palingenésico ou “sentido” de reencarnação do ser. Se Hugo teve inúmeras alternativas morais foi porque seu ser penetrava nas misteriosas zonas de uma realidade pré-existencial. A crítica comum, quando se trata de grandes espíritos, opina sempre ignorando a natureza profunda que os conforma. Enquanto a crítica desconhecer que gênio e mediunidade são uma mesma essência, não poderá nunca penetrar nesses “mundos” que se movem no infinito das almas.

Victor Hugo sabia que em seu ser se entrecruzavam incontáveis existências por ele vividas; daí suas variações de caráter, suas angústias e tristezas, suas aproximações repentinas dos mais variados climas espirituais. Seu espírito projetava no circundante suas sondas psíquicas até extrair da essência das coisas sua substância infinita.

Assim se relacionava com a alma verdadeira dos seres e das coisas; desse modo seu ser se colocava em comunicação com o outro Eu das pessoas, que é onde se encontra o verdadeiro espírito encarnado.

Seu gênio, logicamente, não pôde revelar a seus íntimos e amigos a realidade profunda que percebia no todo existente. Ocultava sempre segredos espirituais, falava de temas eternos de acordo com o sentir comum, pois sabia ser inoportuno revelar o que conhecia por esse sentido palíngênico de seu Ser, que o acompanhou em toda a sua vida. Ateve-se sempre à medida evolutiva dos espíritos, compreendendo que a *realidade espiritual* do homem não pode estar ao alcance de todos.

Os filósofos quiseram perguntar sobre a origem de seu gênio penetrando nas circunvoluções de seu cérebro. Pretenderam estimar sua inteligência conforme o peso desse órgão. O próprio Victor Hugo doou à ciência seu organismo cerebral para que, não existindo nenhuma diferença substancial nos cérebros, fosse investigado, depois de sua morte, se havia qualquer disparidade entre a organização dele e a da massa cerebral dos animais. Por essa razão, resolveu que a investigação deveria ser praticada no cérebro de seu próprio cão, “com a finalidade de descobrir se haveria algo diferente na substância ou organização de algum dos órgãos cerebrais que pudesse servir de base para apreciar os vários graus de inteligências”¹.

A informação dada pela comissão médica examinadora foi a seguinte: “Não encontramos nenhuma molécula a mais de matéria cinzenta no cérebro de Victor Hugo que na do cão. Achamos diferença de volume e peso somente, que acreditamos não afetar em nada as manifestações intelectuais, pois é sabido que existem entidades de escassa inteligência com cérebros volumosos e vice-versa, entidades de vastos conhecimentos em cérebros muito pequenos”.

Ocorreu o mesmo quando se examinou o cérebro de Alberto Einstein, este outro ser que como-

1. Dr. Franco Ponte: *Los cérebros de Victor Hugo y Alberto Einstein*, Revista Cosmos, 1955, Ponce, Puerto Rico.

veu as bases da ciência oficial. O parecer assinalava: “Nada encontramos que nos conduza ao caminho da verdade”, ao que se ajuntou: “Nada foi encontrado e estamos certos de que o cérebro de Einstein é igual em sua estrutura e forma física a todos os cérebros dos seres comuns”.

Estas conclusões demonstram que a caixa craniana não encerra e não gera a inteligência do ser. Dá-se conta que os lóbulos cerebrais não segregam as idéias como os rins e a urina e que o materialismo está assentado sobre bases irrealis no que se refere à espiritualidade do homem.

A concepção espírita, que vai além do espiritualismo clássico, tem demonstrado, mediante a observação de numerosos fatos, que os lóbulos cerebrais não são mais que órgãos pelos quais se manifesta o ser e o pensamento. Consequentemente, o gênio de Victor Hugo não esteve radicado na fisiologia especial de seu cérebro, ou seja, o grande poeta de *Raios e Sombras*, não possuía um cérebro extraordinariamente desenvolvido, pelo contrário, o gênio é que foi a causa de seu grande desenvolvimento espiritual.

O homem Victor Hugo não era igual ao homem comum, sujeito às limitadas percepções dos cinco sentidos corporais. O grande poeta francês foi um exemplo de homem palingenésico dotado, por essa mesma razão, do sexto sentido ou da mediunidade altamente desenvolvida. Assim é que foi vidente, profeta e poeta e pôde compreender o que significam espiritualmente as grandes epopéias da humanidade. Compreendeu assim que a Revolução Francesa sem uma revolução espiritual não seria mais que um fenômeno político de ordem local.

Descobriu também que em cada homem pode estar reencarnado um rei, um mendigo, um santo ou um malfeitor; por isso o poeta conseguiu perceber que as verdadeiras raízes da história estão no espírito. Para Hugo os processos sociais eram

um resultado de impulsos morais provenientes de espíritos reencarnados e não cegos tumultos políticos. O próprio Jean Valjean, condenado por roubar um pão, pôde ser, de acordo com as visões espíritas do poeta, um espírito reencarnado com a missão de obrigar os poderosos a não serem desapiedados com *os miseráveis* da terra.

Mas, por que se ocultam e dissimulam as idéias espíritas de Victor Hugo? Será que o gênio é grande somente quando apoia a cultura materialista?

A única coisa que nos atrevemos a responder é que Victor Hugo havia sobrepujado as velhas concepções espirituais e que seu gênio pôde abrir suas asas mercê do que as revelações mediúnicas da Ilha de Jersey tão objetivamente demonstraram. Eis o que tentaremos ver nos próximos capítulos.

O EXÍLIO LUMINOSO

Victor Hugo, poeta nacional da França, dedicou boa parte de sua vida literária e espiritual à Doutrina Espírita. Seu talento encontrou, nos princípios desta, fontes de inspiração que lhe permitiram escrever páginas brilhantes, as quais continuam guiando o pensamento humano sobre os grandes problemas metafísicos e religiosos.

As Contemplações, Raios e Sombras, A Lenda dos Séculos revelam conceitos realmente comovedores. Nestes livros o poeta manifestou uma profunda sabedoria espiritual como que inspirada por grandes potências do mundo invisível. É que Hugo, sempre a serviço da verdade, tudo escreveu interrogando o Mais Além.

Seu gênio romântico cresceu com a visão espírita do mundo; por isso, seu romantismo foi como uma consequência desses mistérios espirituais que sempre o rodearam. Em Jersey, junto ao tripé mediúnico, o mesmo que foi usado pelas sacerdotisas de Apolo para dar oráculos em Delfos, enquanto o mar batia furiosamente à costa, foi que concebeu suas grandes visões poéticas e sobrenaturais. Polemizou em verso com entidades invisíveis, com o que comprovou a existência do mundo dos espíritos.

O poeta sabia que o tripé era um instrumen-

to mágico pelo qual a luz do mundo invisível pode vencer as trevas da terra. Sentia-se na Ilha de Jersey como João em Patmos, razão pela qual pode ser considerado como o fundador da Patmologia Espírita. Falou com o Espírito em meio ao mar e escreveu um novo Apocalipse. Relacionou-se empregando a linguagem de Ronsard com Molière e A Sombra do Sepulcro, duas elevadas personalidades mediúnicas.

O mar e a solidão acompanharam-no sempre e foram até seus confidentes. Não obstante, aquela Ilha de Jersey tinha a virtude de povoar-se de entidades invisíveis que lhe falaram de liberdade, amor e recordações. Sua filha Leopoldina, desaparecida em um naufrágio, se lhe fez presente por meio do tripé mediúnico e falou com sua alma de modo terno.

O poeta sabia que os mortos não são devorados pelo abismo e que as distâncias metafísicas não podem alijá-los dos homens. Por isso, dizia: “Peçamos justiça à morte, mas não sejamos ingratos com ela. A morte não é, como se diz, uma queda nem uma emboscada”.

Proclamou, assim, que *os mortos voltam*. Resistia a aceitar um Além que impedia os espíritos desencarnados de comunicar-se com os homens. Aceitava, em troca, um mundo invisível comunicando-se com o visível; o invisível era para o poeta um templo repleto de presenças espirituais sempre dispostas a relacionar-se com a mente e o coração dos povos. Foi por isso que disse: “Os mortos são os invisíveis e não os ausentes”.

A propósito, sustentava a tese de Allan Kardec, seu amigo nos caminhos da verdade, referente às ciências das manifestações espirituais. Participava destas importantes reflexões do destacado filósofo espírita: “Peçamos que os incrédulos nos provevem, não por uma simples negativa, porque suas opiniões pessoais não fazem lei, mas por razões ló-

gicas, que isto não pode ser. Nós nos colocaremos sobre seu terreno e, já que desejam apreciar os fatos espíritas com a ajuda das leis da matéria, que tomem por conseguinte neste arsenal alguma demonstração matemática, física, química e fisiológica e provem por A mais B, partindo sempre do princípio da existência e sobrevivência da alma:

- 1º) Que o ser que pensa em nós durante a vida não pode pensar mais depois da morte.
- 2º) Que, se pensa, não deve pensar mais do que nos que amou.
- 3º) Que, se pensa naqueles que amou, não deve querer comunicar-se já com eles.
- 4º) Que, se pode estar em todas as partes, não pode estar ao nosso lado.
- 5º) Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco.
- 6º) Que, por seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte.
- 7º) Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não o pode sobre um ser animado.
- 8º) Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever.
- 9º) Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe seu pensamento.”

E Kardec concluiu dizendo: “Quando os adversários do Espiritismo nos demonstrarem que isto não pode ser, por razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira ao redor da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas”.

Se precisássemos de uma definição para provar a qualidade de espírita de Victor Hugo, esta poderia ser: *Ele foi o Isaías mediúnico maior da literatura romântica*. Não se esqueça que o romantismo de Hugo transcendeu às formas clássicas mediante uma transfiguração das coisas. Viu sempre em tudo um mundo invisível, quer dizer, um sustentá-

culo imaterial do mundo físico. Cantou a natureza com ritmos provenientes do mundo dos espíritos e pincelou poemas dedicados à alma do abismo, que falou por sua boca comovendo a literatura de seu tempo. “É necessário, mais do que nunca - dizia - ensinar aos homens o ideal, este espelho que reflete o semblante de Deus! Poetas, filósofos, essa é a vossa obrigação”.

Sua presença era um convite ao transcendente. Tudo nele sugeria novos horizontes espirituais. Como Pedro Leroux, Saint Simón, José Mazzini, acreditava na reencarnação; por isso, sua obra poética e filosófica está impregnada de um profundo lirismo palingenésico.

É curioso que a crítica não tenha reparado neste aspecto de sua produção, especialmente quando completou cento e cinquenta anos de seu nascimento. Com este motivo, *Les Nouvelles Littéraires*, reputado periódico literário de Paris, dedicou ao grande poeta francês seu número 1277, de 21 de fevereiro de 1952, no qual menciona com bastante descrição o Victor Hugo espírita.

Mas, apesar dessa reserva, a crítica reconhecerá um dia que o espírito de Victor Hugo, cósmico e profundo, se inspirou nas visões espirituais que o Espiritismo lhe sugeria. Dos poetas românticos, nenhum como ele compreendeu com tanta realidade o processo espiritual do homem e da história, chegando até Deus através de abismos e distâncias. Victor Hugo sustentava com fé poética e religiosa a palingenesia espiritual de tudo o que existe.

A psicografia ou mediunidade da escrita secundava notavelmente seu gênio poético. Quando escrevia, dava-se conta de que sua mão não lhe pertencia e que estava sob a influência de uma entidade lírica invisível. Porém, rebelava-se quando seu gênio era considerado por seus amigos exclusivamente mediúnico. Por isso, dizia: “Quando a obra parece sobrehumana, querem fazer intervir o extra-

humano; antigamente era o tripé, em nossos dias a mesinha. A mesinha não é outra coisa que a reparação do tripé”. Victor Hugo aceitava o mediúnico como uma “inspiração direta” do poeta, ou seja, que prescindia do veículo transmissor.

Todavia, Amado Nervo pensava diferente e para constatá-lo vejamos o que disse em seu poema *Mediunidade*:

*Si mis rimas fuesen bellas
enorgullecerme de ellas
no está bien,
pues nunca más han sido
en realidad: al oído
me las dicta... !no sei quién!¹
Yo no soy más que el acento
del arpa que hiere el viento
veloz,
no soy más que el eco débil
de una voz...
Quizás a través de mi
van despertando entre sí
dos almas llenas de amor,
en un misterioso estilo,
y yo no soy más que el hilo
conductor.*

A esta declaração poética, Nervo juntou o seguinte: “Grande número de poetas têm confessado o caráter mediúnico de sua inspiração. Alfredo de Musset diz: “On ne travaille pas: on écoute; c’est comme un iconnu qui parle á l’oreille”. E Lamartine: “Ce n’est pas moi pense, ce son mes idées qui pensent pour moi”.

E nosso estranho Gutiérrez Nájera expressou com delicado acerto:

1. Na língua espanhola, as locuções exclamativas e interrogativas se iniciam com seus respectivos sinais de cabeça para baixo. Por problemas técnicos de equipamento fotocompositor, na presente edição estes sinais aparecem incorretamente de cabeça para cima. Pedimos ao leitor relevar esta falha, a ser corrigida futuramente. N. E.

*Yo no escribo mis versos; no los creo:
Viven dentro de mí, vienen de fuera:
A ése, travieso, lo formó el deseo;
A aquél, lleno de luz, la primavera.*

Suzanne Misset-Hopes ¹, em importante estudo sobre o poeta, disse que multidões de diversas correntes e convicções sentem-se atraídas para recordar “o que se poderia chamar *a mensagem de Victor Hugo*, que se encontra numa obra magistral tecida de sombras e luzes, de mistérios e revelações, de inquisições e defesas”. E mais: “Victor Hugo - todos sabemos - foi levado a sondar experimentalmente os grandes problemas do destino humano e a decifrar os segredos do além-túmulo e da harmonia cósmica por meio das “mesas falantes” de Jersey. Fez-se espírita e no seio de reuniões sobrenaturais tomou consciência de sua missão de profeta dos tempos que verão nascer uma nova ordem mundial, social e religiosa, baseado em leis fundamentais que regem a vida, leis que constituem os cimentos da verdadeira moral e cujo conhecimento solitário se comprova ser capaz de transformar a conduta dos homens em benefício de suas relações mútuas”.

De fato, Victor Hugo foi o profeta que anunciou o advento de um novo espírito do mundo. Teve fé na justiça e na liberdade e afirmou seus ideais na fraternidade universal. Não se esqueça que o poeta imaginava os Estados Unidos da Europa sobre a base da união divina dos espíritos.

Vejamos como prossegue Suzanne Misset-Hopes: “Em toda sua obra, particularmente na que criou no exílio, bastante impregnada dos contatos que nessa época teve com o Mais Além, deixa ver um ardente desejo de desprendimento das luzes espiritualistas de que se nutria sua alma”.

1. Ver o artigo Victor Hugo, Precursor, em *Survie*, setembro-outubro de 1952.

A EXPERIÊNCIA ESPÍRITA DE VICTOR HUGO

Victor Hugo possuía fé no plano divino do Universo, razão porque baseava seu lirismo sobre essa profunda convicção. Confiava na lei do progresso e admitia que tudo evolui apesar das incertezas humanas. Quando o homem, orgulhosamente, considera-se “o fim e a meta do universo”, o poeta exclama: “Acreditas que esta vida universal, que vai da rosa à árvore, da árvore ao animal, que se eleva insensivelmente da pedra a ti, detem-se ante o declive do abismo do homem? Não, prossegue invencível e admirável, penetra no invisível e no imponderável, desvanece-se para ti, plena do azul de um mundo deslumbrante, penetra entre seres que estão em volta do homem e outros que estão longe dele, os espíritos puros, anjos, formados de raios, como o homem está formado de instintos. Prossegue através de céus sempre elevados, sobe escalando as estrelas; dos demônios desencadeados, sobe até os seres alados, ao espírito astro como o sol arcanjo; une, estreitando milhões de léguas, os grupos de constelações com as legiões azuis; povoa o alto, as bordas e o centro, e em todas as profundezas representa-se em Deus”.

A visão cósmica que possuía sobre o homem faz-nos recordar este maravilhoso texto mediúni-

co: “Habitante do espaço, fênix que renasce da matéria, peregrino dos mundos nos quais deixa *um ser que foi e é*, conta suas horas por períodos de vida. Guerreiro incansável, veste-se de organismo para lutar e acrescentar aos seus domínios mais verdade e ao seu poder mais luz”¹.

A primeira sessão mediúcnica de Victor Hugo foi publicada por Gustavo Simón (ver seu livro “Les tables tournantes de Jersey”, editorial Louis Conard, Paris), na qual se manifestou sua filha Leopoldina, há pouco falecida em naufrágio, e lavrou a correspondente ata o célebre poeta e dramaturgo Augusto Vacquerie. Eis o relato:

“Quando se falava das mesas girantes nós duvidávamos. Havíamos feito experiências com elas, mas sem êxito certo. Víamos, sobretudo, na atenção que em todas as partes se dedicava a estes fenômenos uma armadilha da polícia francesa para distrair o espírito público das vergonhas do governo. Assim estávamos quando Mme. de Girardin veio a Jersey para visitar Victor Hugo. Chegou na terça-feira, 6 de setembro de 1853.

“Falou-nos das mesas. Não giravam, apenas: falavam também. Convencionava-se com elas que as batidas que dessem seriam as letras do alfabeto e que se escreveria a letra na qual se detivessem. Assim se obtinham letra por letra e palavra por palavra, frases e páginas inteiras. Vimos nisto um paradoxo do gênio encantador de Mme. de Girardin. Tanto é que, na quarta-feira, enquanto tratava de falar a mesa com Victor Hugo, na sala de jantar, nós permanecíamos no salão. A mesa não falou. Mme. de Girardin disse que o fracasso devia-se a que a mesa era quadrada e que se precisava de uma redonda. Não a tínhamos. Na quinta, ela mesma trouxe uma pequena mesa de três pés que ha-

1. Daniel Suárez Artazu: Marietta y Estrella. Páginas de duas existências.

via comprado em Saint Hélier, num bazar de jogos. No dia seguinte, voltou a experimentar sem êxito. Eu, particularmente, acreditava tão pouco nas mesas que fui deitar-me enquanto eles se punham a experimentar. No sábado, Victor Hugo e Mme. de Girardin jantaram na casa de um senhor de Jersey, M. Gordfray. Mme. de Girardin voltou a experimentar, inutilmente. No domingo à noite eis o que aconteceu.

ATA

“Presentes Madame de Girardin, Madame Victor Hugo, Victor Hugo, Carlos Hugo, Francisco Victor Hugo, general Le Fló, Mme. de Trevenueu, Augusto Vacquerie.

“Mme. de Girardin e Augusto Vacquerie põem-se à mesa, colocando a mesinha redonda em cima de uma mesa grande quadrada. Ao fim de alguns minutos a mesa estremece.

“Mme. de Girardin: Quem és? (A mesa levanta um pé e não o abaixa.)

“Mme. de Girardin: Existe algo que te preocupa? Se for assim, dá uma batida, se não, duas batidas. (A mesa dá uma batida.)

“Mme. de Girardin: O quê?

“- Losango.

“(De fato, estávamos sentados formando um losango, sentados em ambos os lados de um ângulo da mesa grande.)

“(A mesa se agita, vai e vem, recusa-se a falar. Eu me separo dela. O general Le Fló ocupa meu lugar. Na mesa, Carlos Hugo e o general Le Fló.)

“General Le Fló: Diga em que penso.

“Mme. de Girardin, ao mesmo tempo: Quem és?

“- Filha.

“(O general Le Fló não pensava em sua filha. Eu penso em meu sobrinho Ernesto e pergunto:)

“- Em que penso?

“- Morta.

“Mme. de Girardin, bastante emocionada: - Filha morta?

“Eu volto a dizer:

“- Em que penso?

“- Morta.

“(Todos pensam na filha que Victor Hugo perdera.)

“Mme. de Girardin: Quem és?

“- Ame Soror.

“(Mme. de Girardin havia perdido a irmã. A mesa disse *soror* em latim para dizer que era irmã de um homem?)

“General Le Fló: Carlos Hugo e eu, que estamos à mesa, perdemos uma irmã cada um. De quem és irmã?

“- Dúvida.

“General Le Fló: Teu país?

“- França.

“General Le Fló: Tua cidade?

“(Nenhuma resposta. Todos sentimos a presença da morte. Todo mundo chora.)

“Victor Hugo: És feliz?

“- Sim.

“Victor Hugo: Onde estás?

“- Luz.

“Victor Hugo: O que se deve fazer para ir a ti?

“- Amar.

“(A partir deste momento, em que todos estamos emocionados, a mesa, como se se visse compreendida, já não vacila mais. Responde imediatamente ao ser interrogada. Quando demoramos para fazer-lhe uma pergunta, agita-se para a direita e esquerda.)

“Mme. de Girardin: Quem te envia?

“- Bom Deus.

“Mme. de Girardin, muito emocionada: Fala tu mesma, tens algo a dizer?

“- Sofri rumo a outro mundo.

“Eu não estava absolutamente convencido. Não é que acreditasse precisamente que Mme. de Girardin nos enganava e dava os golpes voluntariamente. Mas eu me dizia que a força do desejo e a tensão do espírito podiam dar à sua mão uma pressão involuntária.

“Fomos buscar outra mesa, sobre a qual colocamos a pequena. Mme. de Girardin e Carlos Hugo colocam-se de maneira que cortam a mesa-superfície em ângulo reto. A mesa se agita.

“General Le Fló: Diz-me em que penso.

“- Fidelidade.

“(O general Le Fló pensava em sua mulher. Eu estava algo menos convencido. Parecia-me tão engenhoso e espiritual responder ‘fidelidade’ a um marido que pensa em sua mulher, que atribuí a resposta à Mme. de Girardin.)

“Victor Hugo escreve uma palavra em papel e o coloca, fechado, em cima da mesa.

“Augusto Vacquerie: Podes dizer-me o nome escrito aí dentro?

“- Não.

“Victor Hugo: Por quê?

“- Papel.

“Todas as respostas começavam a nos estranhar um pouco. Para estar mais seguro que não era Mme. de Girardin quem atuava, solicito colocar-me à mesa com Carlos Hugo. Ponho-me com ele. A mesa se move. Penso em um nome e digo:

“- Qual é o nome em que penso?

“- Hugo.

“De fato, este era o nome. Neste momento comecei a crer. Fazia alguns instantes que Mme. de Girardin estava emocionada e pedia-nos que não perdêssemos tempo com perguntas pueris. Pressentia uma grande aparição, mas nós, que duvidávamos, permanecíamos a desafiar a mesa a que respondesse a palavras escritas ou pensadas.

“Mme. de Girardin: Engana-nos?

“- Sim.

“Mme.: Por quê?

“- Absurdo.

“Mme. de Girardin: Pois bem, fala tu mesmo.

“Importuna.

“Mme. de Girardin: Quem te importuna?

“- Um só.

“Mme. de Girardin: Aponte-o.

“- Ruivo.

“De fato, o Sr. de Trévenueu, muito ruivo, era o mais incrédulo de nós.

“Mme. de Girardin: Deseja que saia?

“- Não.

“Victor Hugo: Vês o sofrimento dos que te amam?

“- Sim.

“Mme. de Girardin: Sofrerão muito tempo?

“- Não.

“Mme. de Girardin: Voltarão rápido à França?

“(Não responde.)

“Victor Hugo: Depende deles para que possa voltar?

“- Não.

“Victor Hugo: Mas, voltarás?

“- Sim.

“Victor Hugo: Breve?

“- Sim.

“(Encerrado a uma e meia da madrugada.)

Nota: Tudo o que antecede foi escrito imediatamente após a sessão por Augusto Vacquerie. A partir deste dia decidimos escrever as respostas da mesa no momento em que se produziam. Todas as atas seguintes foram recolhidas durante o transcurso das próprias sessões.”

ALGUMAS RESPOSTAS MEDIÚNICAS

Julio Bois, em seu importante livro *Le Mirage Moderne*, faz um detido estudo sobre Victor Hugo espírita. Diz que o poeta abraçou o Espiritismo a seis de setembro de 1855, em Jersey, tendo como iniciadora Emilia de Girardin. O médium das sessões assistidas por Hugo era seu filho Carlos. Este não sabia inglês, não obstante um dia chegou um britânico que tinha desejos de relacionar-se com Lord Byron. Esta entidade espiritual não se fez esperar e respondeu assim:

*Vex not the bard, his lyve broken,
His lasta son sung, his last word sponen.*

Prosseguindo o poeta com os trabalhos tiptológicos, conseguiu que Esquilo se expressasse em admiráveis versos do seguinte modo:

“Não, o homem não será jamais livre na terra. Ele é o triste prisioneiro do bem, do mal, do belo. Por uma lei misteriosa, não pode gozar de liberdade senão quando se converte em prisioneiro do túmulo. Fatalidade, leão pelo qual a alma é devorada, tenho eu pretendido dominar-te com braço ciclópico, tenho pretendido levar sobre minhas

costas atigrada pele e gostava que de mim dissessem: “Esquilo nemeu”. Não o consegui, a fera humana destrói também nossas carnes com suas garras eternas; o coração do homem está repleto de gritos de ódio e esta fossa de leões não tem Daniel. Depois de mim veio Shakespeare, viu as três bruxas, oh Neméia! chegarem do fundo da selva e deramarem em nossos corações suas caldeiras revoltas, os filtros monstruosos do imenso segredo. Depois de mim, o domador, chegou o caçador a esta grande selva do limite do mundo. E como olhasse em sua alma profunda, Macbeth gritou: “Fujamos”, e Hamlet disse: “Tenho medo”. Salvou-se. Molière apareceu então no limítrofe e disse: “Veja-mos se minha alma morre. Comendador, vem ce-ar”. Mas no banquete de pedra, Molière tremeu enquanto empalidecia don Juan. Mas, qualquer que seja o espectro, a bruxa ou a sombra, eras sempre tu, leão, com tua garra de ferro. Tu enches de tal modo a grande selva sombria, que Dante te encontra ao entrar no Inferno. Tu não és dominado senão quando a morte devoradora te arranca com dentes a alma em pedaços, se apodera de ti na selva profunda, secular, e te mostra com o dedo a tua jaula: o túmulo.”

Um dia Victor Hugo se dirigiu ao espírito de Molière em magníficos versos, para dizer-lhe: “Os reis e vós, lá em cima, trocam de roupa-gem? Luís XIV no céu não é teu criado? Francisco I é o louco de Triboulet? Cresco é lacaio de Esopo?”

Molière não respondeu; fê-lo uma entidade espiritual chamada A Sombra do Sepulcro, dizendo: “O céu não castiga com semelhantes artificios e não converte em louco a Francisco I. O inferno não é um baile de grotescos comparsas, no qual o negro castigo seria o alfaiate”.

O poeta não ficou satisfeito com a resposta. Mas noutra dia as entidades invisíveis pediram-lhe que as interrogasse em versos. Victor Hugo decla-

rou “que não sabia improvisar deste modo”, razão porque pediu fosse marcada a reunião mediúnica. No dia seguinte, ao ditar Molière tiptologicamente seu nome, o poeta respondeu recitando com forte acento os seguintes versos¹:

*Oh, tú, que la manopla de Shakespeare recogiste,
Que cerca de su Otelu tu Alceste esculpiste,
Sombrió de pasión!
!Oh, sol, que resplandeces en doble espacio y vuelo;
Poeta desde el Louvre, y arcángel en el cielo!
Tu espléndida visita honora mi mansión.
?Me tenderás arriba tu hospitalaria mano?
Que cavén en el césped mi fosa: sin pesar,
Sin miedo la contemplo; la tumba no es arcano;
Yo sé que en ella encuentra prisión el cuerpo vano,
Mas sé también que el alma suas alas ha de hallar.*

Molière, porém, não respondeu. “Le Journal”, de 20 de julho de 1899, disse que houve expectativa e que respondeu novamente *A Sombra do Sepulcro*, resposta esta que não se pode ler sem sentir uma certa admiração por sua irônica grandeza. Eis, aqui, os versos ditados tiptologicamente:

*!Espíritu que quieres saber nuestro secreto,
Que en tus tinieblas alzas la antorcha terrenal,
Que a tientas y furtivo, pretendes indiscreto,
Forzar la inmensa tumba, la puerta funeral!
!Retorna a tu silencio y apaga tus candelas;
Retorna hacia la noche profunda en donde velas,*

1. A tradução é do reconhecido poeta espanhol Salvador Sellés, N. do Autor.

*Dejando algunas veces tu densa oscuridad;
Los ojos terrenales, aun vivos, aun abiertos,
No leen por encima del hombro de los muertos
La augusta eternidad!*

Victor Hugo, ao ver-se tão duramente tratado, reprochou a entidade comunicante dizendo-lhe que empregava expressões simbólicas. *A Sombra do Sepulcro* respondeu-lhe assim:

“Imprudente! Exclamas: *A Sombra do Sepulcro* fala em linguagem mundana, emprega imagens bíblicas, serve-se de palavras, metáforas, fábulas, para dizer a verdade... *A Sombra do Sepulcro* não é uma ficção, mas uma realidade. Se desço a falar vossa gíria em que o sublime consiste em armar algum estrondo, é porque sois insignificantes. A palavra é um aguilhão do espírito; a imagem, a goliinha do pensamento; vosso ideal, o grilhete da alma; vossa sublimidade um fundo de masmorra; vosso céu, a abóbada de uma gruta; vossa língua, um ruído enfeixado num dicionário. Minha linguagem é a Imensidade, o Oceano, o Furacão. Minha biblioteca contém milhares de estrelas, milhares de planetas e constelações. Se quereis que fale a minha linguagem, sobe ao Sinai e me ouvirás nos raios; sobe ao Calvário e me verás nos relâmpagos; desce ao sepulcro e me sentirás na clemência”.

Na carta que em 1855 dirigiu a Emilia de Girardin, o poeta escrevia: “As mesas nos dizem coisas surpreendentes. Todo um sistema quase cosmogônico por mim pensado e escrito em vinte anos foi confirmado com grandeza magnífica. Vivemos aqui num ‘horizonte’ misterioso que muda a perspectiva do desterro e pensamos a quem devemos esta ‘janela aberta’. As mesas nos impõem o silêncio e o segredo”.

Ausente de Jersey Madame de Girardin, o poeta continuou com sua família as relações espirituais com o mundo invisível. Deixou esta tarefa registrada em vários cadernos que mais tarde seu

amigo, o grande astrônomo Camille Flammarion, pôde revisar e dos quais publicou alguns fragmentos em “Les Annales Politiques et Litteraire”, de 7 de maio de 1899, onde o autor de *Urânia* dizia o seguinte: “Mme. Victor Hugo e seu filho Francisco estavam quase sempre à mesa. Vacquerie e alguns outros só se acercavam alternadamente. Hugo, jamais. Desempenhava o papel de secretário escrevendo à parte, em folhas soltas, os ditados da mesa. Esta, consultada, anunciava geralmente a presença de poetas, de autores dramáticos e de outros personagens célebres, tais como Molière, Shakespeare, Galileu, etc. Mas a maior parte das vezes, sempre que interrogada, em lugar do nome esperado a mesa dava o de um ser imaginário; por exemplo, este, que se repete com frequência: *A Sombra do Sepulcro*”.

O conhecimento dos casos de literatura do além-túmulo tem se multiplicado na obra realizada por autores sérios e responsáveis. Na Itália, o extraordinário investigador Ernesto Bozzano se dedicou a análises deste gênero literário, o que se pode ver em sua notável monografia intitulada “Literatura do Além-Túmulo”. Pois bem, não serão acaso estes assombrosos fenômenos mediúnicos-literários um novo caminho de Damasco para reencontrar Deus e o Espírito?

VICTOR HUGO E AS VIDAS SUCESSIVAS DO SER

O autor de *Contemplações* não negava as vidas sucessivas da alma; ao contrário, acreditava nelas como em uma teoria infinita pela qual o Ser, passando de um longínquo histórico a um novo tempo, se engrandece espiritualmente. Sentia-se protagonista da grande evolução palingenésica da humanidade; por isso, as idades distintas do passado repercutiam vivamente em sua sensibilidade poética. A visão cosmológica que possuía aproximava-o do pensamento de Camille Flammarion, que pregou a doutrina da pluralidade dos mundos habitados em relação com a pluralidade da existência da alma. O universo era para o poeta como um palco no qual o espírito age para subir os degraus do infinito. Aceitava, pois, a concepção kardecista resumida no lema: “Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, esta é a lei”. Neste aspecto, Victor Hugo coincidia com grandes poetas como Goethe, Whitman, Lamartine, Emerson e outros que, por suas idéias palingenésicas, foram colocados sob o signo da Cruz Ansata.

Quando o poeta disse que “a origem tem um ontem e o túmulo um amanhã” fez declaração pública de suas idéias filosóficas baseadas na reencarnação. Seu gênio imenso e abrangente não resistia

às limitações de uma existência única para a alma. Não obstante as interpretações teológicas, Hugo acreditava que Jesus havia falado de um homem palingenésico quando, dirigindo-se a Nicodemos, disse: “Necessário vos é nascer de novo”.

Ler seu estudo sobre *As Almas* é verificar de que forma o poeta penetrou no drama dos espíritos cujas características particulares, tão diferentes entre si, comprovam os variados desenvolvimentos de cada ser, fato que revela o processo palingenésico vivido pelas almas. Para Victor Hugo, o homem não é um composto físico-químico que se perde no nada com a decomposição. Concebia o homem como um espírito reencarnado que traz sua própria história realizada nas vidas anteriores. Nesse sentido, a poesia se revela como uma acumulação de elevadas virtudes morais que se transformam em harmonia e beleza. Isto porque a beleza para o poeta palingenésico é uma expressão superior do Ser, pela qual penetra na essência religiosa da criação. O homem entra e sai do processo histórico mediante a lei da reencarnação e, à medida em que se liberta do mundo material, liga-se com a realidade do espírito imortal.

Victor Hugo participava dessa legião de espíritos iluminados a que pertenciam José Mazzini, Emilio Castelar, José Garibaldi, José Pi y Margal, os que se inspiravam moral e socialmente nas idéias palingenésicas. Mas em Hugo a intuição que o fez compreender que “a origem tem um ontem e o túmulo um amanhã” manifestou-se com sonoridades enraizadas no cósmico e no divino. Seu gênio poético lhe permitiu sentir a presença do passado palingenésico tal como o percebeu em “Terra Santa” Alfonse de Lamartine. De fato, foi ali que o autor de *Jocely* se recordou de uma vida anterior relacionada com os tempos apostólicos.

Victor Hugo confirmou suas convicções palingenésicas ao final de seus dias, quando disse: “Faz

meio século que escrevo em prosa e verso; história, filosofia, drama, lendas, sátira, ode, canção; de tudo tenho tratado, mas sinto que não disse mais que a milionésima parte do que sinto em mim. Quando estiver no túmulo, direi: ‘terminei minha jornada’ e não ‘terminei minha vida’. Minha existência recomeçará no outro dia. O túmulo não é um beco sem saída mas uma avenida. Minha obra é apenas um princípio e a sede do infinito prova que existe o infinito.

“Sou homem, mas sou uma partícula divina que, insignificante como sou, me sinto deus porque eu também ponho ordem em meu caos interior.

“Viverei mil vidas futuras, continuarei minha obra, de século em século escalarei todas as rochas, todos os perigos, todos os amores, todas as paixões, todas as angústias e depois de mil ascensões, livre, transformado, meu espírito voltará à sua fonte, unindo-se com a realidade absoluta, como o raio de luz retorna ao Sol”.

O grande poeta francês era um lírico profundamente religioso: daí seus ímpetos por uma vida eterna e renovada pela reencarnação. Como muitos outros gênios poéticos, uniu-se à concepção de um ser infinito e espiritual que nasce, morre e renasce. Seu espírito aspirava por “entrar e sair” da humanidade, a fim de participar existencialmente em todos os processos históricos e sentir-se protagonista em todos os episódios da história universal.

Este mistério palíngênico do homem e do universo é que porá a descoberto a Nova Poesia, a excelsa Gaia Ciência dos grandes poemas humanos e sobrehumanos. A nova poesia, como foi sentida por Hugo, Whitman, Goethe, Neruo, Capdevila e outros grandes poetas, revelará cada vez mais à humanidade que sem “vidas sucessivas” tudo estará desvinculado no grande processo da criação. Por outro lado, com o homem palíngênico, ou seja, o ser que nasce, morre e renasce tudo se

une e entrelaça no universo. A história se mostra como um processo universal determinado pelo “processo individual” dos espíritos encarnados. Victor Hugo cantou esse renascimento incessante das almas para que o homem compreenda que ele está sempre presente em todos os períodos da história.

No poema *O aparecido* de seu livro *Contemplações*, a idéia do regresso palingenésico dos espíritos está dramaticamente descrita. Fala de uma mãe que adorava seu filhinho e sonhava para ele um futuro radiante. Mas um dia, disse o poeta, “esse corvo chamado crupe penetrou bruscamente naquele lar feliz e, arrojando-se sobre o menino, pegou-o pela garganta”. A mãe infeliz, vendo-se sem o filho querido, destruído pelas garras da morte, “ficou imóvel três meses, os olhos fixos, murmurando um nome ininteligível e olhando sempre para a mesma parte da parede”.

Mais adiante, diz o poeta: “O tempo passou, passaram-se os dias, semanas e meses e aquela mulher soube que seria mãe pela segunda vez”.

Quando pressentiu a vinda do novo filho, a mãe “empalideceu e lançou um grito: - Quem é este ser estranho? exclamou. E, caindo de joelhos, acrescentou: ‘Não, não o quero; meu filho morto teria ciúmes e me pressionaria por acreditar que o houvesse esquecido e que outro ocupava seu lugar: “minha mãe o quer, concebe-o formoso, ri com ele e beija-o; mas eu, eu estou no túmulo! Não, não o quero!’ Fazia-a falar assim sua dor profunda”.

“Quando amanheceu - continua o poema - vendo que seu marido era pai de outro filho, a mulher exclamou, agitada: É menino! O marido, porém, era o único que estava alegre em casa; a mãe permaneceu triste, sem esquecer o filho morto. Trouxeram-lhe o recém-nascido, deixou que viesse e o apertou em seu peito; imediatamente, porém, pensando sem cessar mais no filho morto do que naquele ali, preocupando-se mais com a mortalha

do que com as mantas, exclamou: - Está só no túmulo aquele anjo! Mas, por um milagre que fez voltar sua alegria, aquela mãe ouviu que o recém-nascido falava em seus braços, com voz familiar, e dizia baixinho: - Sou eu!... mas não o diga!”

De fato, o filho morto havia regressado através da grande lei da reencarnação. O ser chorado e tão desesperadamente invocado havia voltado às entranhas de sua mãe e por elas renascido para acalmar sua dor e continuar, dessa forma, seu ciclo de crescimento espiritual.

Com este poema, Victor Hugo venceu as escuridões do túmulo e afirmou à cultura filosófica de seu tempo que o homem é uma entidade imortal que encarna e desencarna para alcançar estados superiores e divinos. Nesse mesmo poema deu à maternidade um novo significado filosófico e religioso quando diz: “Oh mães! O nascimento começa com o túmulo. A eternidade guarda mais do que um segredo divino”.

DUAS SENTENÇAS QUE RESUMEM O SENTIMENTO FILOSÓFICO DO POETA

Victor Hugo foi, não em vão, um grande propulsor do romantismo espiritualista da França. Seu gênio poético só podia desenvolver-se e nutrir-se numa corrente literária transcendente e espiritual, já que através dela pôde penetrar nas chamadas “reminiscências platônicas” e nessas “distâncias da alma” em que só pode mesmo penetrar o poeta palingésico.

O romantismo é como uma evasão do ser deste mundo objetivado. José Ferrater Mora, autor do *Dicionário de Filosofia*, ao referir-se ao romantismo disse: “Por isso, no movimento romântico existe, junto a uma decidida preocupação com o oculto e o ausente, uma ressurreição do religioso, uma concepção da história com o drama do homem e seu destino e, em última instância, como uma revelação de Deus no ser finito do mundo”.

Victor Hugo, de fato, sentiu em toda sua existência um como que chamado profundo surgido do ausente, das distâncias históricas onde a alma deixou gravadas suas pegadas. Compreende que tudo na criação fala e que o passado, o presente e o futuro se entrelaçam harmoniosamente e que em cada um dos períodos do devir do Ser a essência da alma reconstrói o passado para marcar o

presente e projetar-se sobre o seu futuro existencial.

Em uma de suas sentenças mais profundas, como já vimos, deixou expresso com nitidez seu sentimento palingenésico: “O berço tem um ontem e o túmulo um amanhã”; daí serem as bases de seu romantismo nitidamente palingenésicas. No chamado “romantismo de Jena”, a poesia se manifestou como uma torneira aberta cujas águas provêm de nalgas espirituais relacionadas com as reencarnações das almas. Poetas como Schelling, Hölderlin, Novalis, Tieck e outros viveram possuídos pela idéia do ausente e distante, cuja raiz se funde nos abismos espirituais do Ser, ou seja, nas distantes vidas onde seus espíritos cantaram e choraram sem ser jamais calados pela morte.

Victor Hugo viveu sentindo em si mesmo esse imperativo palingenésico, em que o gênio poético do século passado percebeu uma nova revelação espiritual. A poesia foi, é e será sempre palingenésica; ela, ainda que a crítica se oponha a este conceito, será sempre uma chama de fogo a iluminar os longínquos dias das idades. Porque a poesia é um fluir do interno para o externo, quer dizer, dessa vida profunda e imortal que dá ser e personalidade a tudo o que existe.

O poeta de *Os Miseráveis*, referindo-se ao verdadeiro homem, dizia: “O corpo bem poderia não ser mais que uma aparência. Ele cobre nossa realidade; ele se interpõe entre nossa luz e nossa sombra: a realidade da alma. Claramente falando, nossa cara é uma careta. O verdadeiro homem é aquele que está por trás do homem. Se se olhasse bem esse homem oculto e guarnecido por trás dessa ilusão que se chama carne, ter-se-ia mais de uma surpresa”.

O ser encarnado, melhor dizendo, reencarnado era para Hugo uma aparência existencial cuja realidade está na essência espiritual que determina os mais variados fenômenos da história. Considera-

va o processo visível uma urdidura que tem origem no invisível. A poesia de Victor Hugo foi como a entrada em um novo mundo religioso onde os espíritos são as alavancas invisíveis de tudo o que se manifesta de forma visível.

A existência espiritual desencarnada que o poeta aceitava coincidia com a idéia da pessoa no Ser, ou seja, com esse homem de carne e osso imortal de Miguel de Unamuno. O Espírito, em sua condição de desencarnado, não é uma abstração indefinida, como ainda concebe o espiritualismo clássico. A vida do Ser no eterno possui para Hugo um perispírito objetivo, sendo portanto uma realidade vivente com um eu pessoal que atua no material a partir dos planos invisíveis.

É isso o que nos mostra na seguinte sentença: “A mariposa é o verme metamorfoseado, mas a metamorfose é tão completa que se acredita ver uma nova criatura. Do mesmo modo, em nossa existência de além-túmulo não seremos puros espíritos porque estas palavras são vazias de sentido, tanto para a razão como para a imaginação.

“O que é uma vida sem os órgãos da vida? O que a define e o que a fixa? Na verdade, nós teremos outro corpo semelhante, radiante, divino e, por assim dizer, espiritual, que será a transformação do nosso corpo terrestre”.

A realidade espiritual do homem era, para o poeta, objetivamente existencial e não uma abstração, pois a vida do além-túmulo é para Hugo como um alto e imenso cume, onde o espírito se resume dialeticamente. Por isso, disse: “Todos os seres são, foram e serão”.

Em outra passagem, dizia o poeta: “Os mortos são os invisíveis e não os ausentes”. Com este pensamento, ele uniu as vidas passadas das almas com a imortalidade de suas eternas naturezas. Sentiu, por isso, a presença do mundo invisível como uma realidade inteligente e comunicante. E este

mundo invisível era para Victor Hugo o mundo dos espíritos tal como está desenhado na obra de Allan Kardec. Sua vida íntima nunca esteve rodeada de solidão e de vazio. A solidão em Hugo era como um médium que lhe permitia entrar em relação com os erradamente chamados mortos, pois, como grande romântico que era não cria no silêncio aterrador dos túmulos. Ele sabia, pelo fenômeno poético que diariamente experimentava, que é no invisível onde vivem nossos seres queridos com seus corpos espirituais, suas paixões e seus amores, esperando a oportunidade para revelar-nos suas inegáveis identidades. Porque, se “os mortos são os invisíveis e não os ausentes”, como dizia, a humanidade está entrelaçada com a vida dos mortos tal como demonstra agora a filosofia espírita.

Nos arquivos da *Revue Spirite*, de Paris, encontra-se um trabalho de Leon Denis em que ele se refere a Victor Hugo e sua compreensão do mundo invisível, como se vê a seguir: “Louis Barthon, da Academia Francesa, depois de consultar os *Apontes* inéditos do poeta, escreveu na *Revue de Deux Mondes* (número 15, de dezembro de 1918, páginas 751 a 757) o que vamos transcrever: “Madame Emilia de Girardin, tendo ido passar dez dias em Jersey, introduziu ali a prática das mesas girantes e falantes”. Como se sabe, Victor Hugo foi o último a ceder ante este fenômeno mediú-nico. Mas desde que elas (as mesas) o convenceram, as entidades comunicantes não o abandonaram jamais, exercendo sobre seu pensamento influências espirituais revolucionárias.

“Continua dizendo Louis Barthon que na noite de 30 de março de 1857 o poeta percebe a noção de uma nova concepção metafísica, a qual descreve com data de 24 de outubro em seu caderno de apontamentos. Vejamos como capta a presença do invisível através de sua própria relação: ‘Essa noite eu não dormia. Era por volta das três da ma-

drugada. Um golpe seco, muito forte, se produziu aos pés da minha cama, contra a porta de minha habitação. Pensei em minha filha morta e disse para mim: És tu? Pois eu pensava no complô bonapartista, segundo se falava, em um novo dois de dezembro possível e me perguntava: É uma advertência? E ajuntava mentalmente: Se és realmente tu que estás aí e se vens advertir-me na ocasião deste complô, dá dois golpes. E por cerca de meia hora escuto. A noite era profunda e tudo em casa silêncio. De repente se deixam ouvir dois golpes contra a porta. Desta vez eram surdos mas distintamente muito leves”.

Louis Barthon prossegue em seu relato: “Em 21 de novembro de 1874 Victor Hugo escrevia o seguinte: ‘Esta noite despertei e percebi no ouvido, muito próximo de mim, em minha cabeceira, leves pancadas surdas. Eram lentas e regulares, durando um quarto de hora. Eu escutava e não cessavam. Por isso, orei; quando cessaram, disse: se és tu, minha filha, ou tu, meu filho, dá dois golpes. Ao fim de dez minutos, mais ou menos, dois golpes se deram, mas contra a parede perto da cama. Mentalmente disse: é um conselho o que tu trazes? Devo abandonar Paris? Devo permanecer? Se devo ficar, dá um golpe. Se devo partir, dá três golpes. Escuto! Nenhuma resposta ainda. Acabo dormindo. O fenômeno dura quase uma hora’.

“No caderno de apontamentos do poeta, com data de 22 de novembro de 1874, lê-se o seguinte: ‘Esta noite escutei três golpes. Será a resposta à pergunta de ontem? Seria pouco clara ao ser tão demorada’.

Léon Denis afirma que no mesmo caderno mencionam-se apontamentos noturnos de caráter mediúnico obstinados, surdos e ainda metálicos e doces, tão comoventes que o poeta terminou por crer na possibilidade de um pronunciamento bonapartista do qual ele seria a primeira vítima (ver

La Revue Spirite, de março/abril de 1952).

Diz ainda Denis que na página 157 do caderno lê-se: “Esta noite, lá pelas duas, senti golpes em minha porta, que estava aberta, sem que pessoa alguma houvesse ali de forma evidente. Credo in Deum eternum et in animam inmortalem”.

Como se verá, os fenômenos mediúnicos experimentados por Victor Hugo não são vãos nem intranscendentes. Têm a virtude de haver elevado a alma do poeta até Deus e de fazê-lo crer no espírito imortal. Este mesmo fato se operou no ânimo de seu compatriota Gabriel Marcel, o distinto filósofo católico, a quem os fenômenos mediúnicos influenciaram notavelmente para a elaboração de seu pensamento filosófico. Victor Hugo, pois, não se equivocou quando disse: “Evitar o fenômeno espírita é fazer bancarrota com a verdade”.

UM DISCURSO PALINGENÉSICO PARA MATERIALISTAS E ATEUS

Depois de um jantar oferecido por Victor Hugo a seus amigos, foi ele convidado a expor seus pensamentos. Entre os comensais encontravam-se ateus, agnósticos e materialistas, mas, apesar disso o poeta derramou o perfume poético e filosófico de suas idéias espirituais. Como sempre, suas asas de águia se abriram por cima de todos e de sua boca brotaram os mais excelsos conceitos, que foram reconhecidos pelo ilustre poeta Arsenio Hous-saye¹. O autor de *Os Miseráveis* respondeu assim ao convite:

“Quem pode dizer-nos que eu não volte a encontrar-me nos séculos futuros? Shakespeare escreveu: ‘A vida é um conto de fada que se lê pela segunda vez’. Poderia ter dito pela milésima vez. Porque não há século pelo qual eu não veja passar minha sombra.

“Vós não acreditais nas personalidades moventes, quer dizer, nas reencarnações, com o pretexto de que não recordais nada de vossas existências passadas, mas como as lembranças dos séculos desvanecidos poderiam estar impressas em vós quando não vos recordais nada das mil e uma cenas

1. Suzanne Misset-Hopes: Presença de Victor Hugo, Ed Amour e Vie, Bugnolet (Sense, França). N. do Autor.

de vossa vida presente? Desde 1802 hei de ter tido em mim dez Victor Hugo! Creis vós que me lembro de todas as ações e de todos os seus pensamentos?

“Quando houver atravessado o túmulo para voltar a encontrar outra luz, todos esses Victor Hugo me serão um pouco estranhos, mas esta será sempre a mesma alma!

“Sinto em mim toda uma vida nova, toda uma vida futura; sou como a selva que muitas vezes foi derrubada; os jovens rebentos são cada vez mais fortes e vivazes. Eu subo, subo, subo até o infinito. Tudo é radiante à minha frente, a terra me dá sua seiva generosa, mas o céu me ilumina com o reflexo dos mundos entrevistos.

“Dizeis vós que a alma é a expressão das forças corporais: por que então minha alma é mais luminosa quando as forças corporais irão já me abandonar? O inverno está sobre minha cabeça, a primavera está em minha alma; aspiro aqui nesta hora às lílases e às rosas como se tivesse vinte anos. À medida em que me aproximo da velhice, melhor escuto ao meu redor as imortais sinfonias dos mundos que me chamam. É maravilhoso e sensível. É um conto de fadas, mas é uma história.

“Faz meio século que escrevo meu pensamento em prosa e verso, história e filosofia, drama, novela, legendas, sátira, ode, canção; de tudo tenho tratado, mas sinto que não disse mais que a milionésima parte do que é meu. Quando estiver no túmulo poderei dizer, como tantos outros: “terminei minha jornada!” e não “terminei minha vida”. Minha jornada recomeçará no outro dia, de manhã. O túmulo não é um labirinto sem saída; é uma avenida, que se fecha no crepúsculo e volta a abrir na aurora.

“Se eu não perco um minuto é porque amo este mundo como a uma pátria, porque a verdade me atormenta, como atormentou Voltaire, esse deus humano. Minha obra não é mais do que um

começo; meu monumento apenas saiu da terra; quisera eu vê-lo subir ainda, subir sempre. A sede de infinito prova o infinito. Que dizeis vós, senhores ateus?

“Escuta-me. O homem não é mais do que um exemplar de Deus infinitamente pequeno, a edição em 32 do in-fólio gigantesco, mas o mesmo livro. Glória inaudita para o homem! Eu sou o homem, eu, uma partícula invisível, uma gota no oceano, um grão de areia na praia. Contudo, pequeno que sou, sinto-me deus porque também desenvolvo o caos que está em mim. Eu faço livros - quer dizer, sonhos - que são os mundos. Oh! falo sem orgulho porque já não tenho mais vaidade que a formiga que edificou a Babilônia, nem vaidade como o menor dos pássaros, que canta no coro universal.

“Eu não sou nada. Jaz aqui Victor Hugo, um abismo, um eco que passa, uma nuvem que foi, uma onda que morre na praia. Eu não sou nada, mas deixa-me continuar minha obra começada; deixa-me subir de século em século em todas as rochas, todos os perigos, todos os amores, todas as paixões, todas as angústias. Quem vos disse que um dia, depois de milhares de ascensões, não haveria eu, como todos os homens de boa vontade, conquistado um posto de ministro no supremo conselho desse adorável tirano que se chama Deus”.

Como vemos, Victor Hugo falou de *personalidades moventes*, quer dizer, de seres dinâmicos que, sobrepujando as trevas do sepulcro, avançam para o verdadeiro Ser, para a aquisição da soberana personalidade espiritual. Essas personalidades moventes assinaladas pelo poeta representam a evolução palingenésica do espírito que, como estamos vendo, constitui a base de sua obra poética e filosófica.

Reconhece-se ele mesmo uma série de Victor

Hugo, que vem ascendendo através da história espiritual do Ser. A perene evolução do seu Espírito aproximou-o de Deus até vencer as trevas do nada e da morte. Esta catarse não foi experimentada por Jean-Paul Sartre e o existencialismo ateu que ele encabeça, pois só o Espírito como entidade palingenésica poderá dar ao homem moderno o verdadeiro existencialismo: a existência baseada nas vidas sucessivas da alma.

Frente ao nada, Victor Hugo proclamou a vida eterna; frente ao tûmulo, aceitou a revelação mediúnica dos Espíritos, cuja valorização filosófica e religiosa se encontra na obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

De fato, o poeta das grandes iluminações espirituais era espírita porque não pôde ser um espiritualista sem bases reais nem mediúnicas. Foi espírita porque comprovou que a morte não aniquila o homem, cujo espírito imortal e divino é quem rege os processos do mundo material. Sentiu a presença dos mortos como uma proteção e inspiração que eleva e transforma a condição humana. Rechacou o mundo estático e fixo para aceitar a filosofia da vida universal, concebendo que almas e mundos se enlaçam dialeticamente à causa da lei da reencarnação a que tudo está submentido.

Victor Hugo foi o gigante das visões cósmicas, o poeta dos salmos e odes que igualaram as mais belas páginas dos profetas bíblicos. Tinha em seu espírito a poesia e o saber da filosofia espírita. Sentiu de forma ampla os postulados da ciência da alma em relação com a ciência do céu. Foi assim que compreendeu que o ser passa de um mundo a outro mediante vidas e mortes sucessivas, para se transformar em um colaborador do Plano Divino.

Do pensamento filosófico e poético de Victor Hugo se deduz que não haverá autêntico espiritualismo sem as bases mediúnicas do Espiritismo. Toda verdadeira concepção espiritualista deverá assen-

tar-se sobre a concepção revelada pelo gênio espiritual e religioso do mundo invisível. Para o poeta, as manifestações mediúnicas não eram o resultado de sombras larvais, de resíduos psíquicos do ser nem de sedutores demônios. As manifestações, para Victor Hugo, eram mensagens dos mundos imateriais destinadas a penetrar na natureza humana para iluminá-la pelo amor e pela beleza.

Em seu país, outro gênio poético das vidas sucessivas foi Alfonso de Lamartine, que cantou a concepção da reencarnação da alma. A história espiritual que anima seus dois livros - *A queda de um anjo* e *Jocelyn* - está entretecida pelo amor entre dois seres que se buscam através dos tempos. Lamartine, em sua obra *Uma viagem ao Oriente*, revela as reminiscências palingenésicas de passado distante. Disse assim em um dos seus capítulos: “Quando visitei a Judéia, não tinha em mãos nem a Bíblia nem mapas, nada que me servisse de indicação de lugares, sequer uma pessoa capaz de dar-me o nome atual dos lugares nem o antigo dos vales e montanhas. Apesar disso, reconheci imediatamente o Vale de Terebinto e o campo de batalha de Saul. Quando fomos ao convento, os padres me confirmaram a exatidão de minhas previsões. Meus companheiros ficaram admirados e apenas davam crédito a isso.

“Em Sephora, designei com o dedo e mencionei pelo nome uma colina coroada por um castelo arruinado, como o provável lugar do nascimento de Maria. No dia seguinte, ao pé de uma montanha árida, reconheci o túmulo dos macabeus, no que disse a verdade sem o saber. Excetuando os vales do Líbano, não tenho encontrado na Judéia um lugar, uma coisa que não fosse para mim como uma recordação.

“Temos vivido, pois, duas vezes ou mil? Nossa memória não é quiçá mais que uma imagem ador-

mecida, que o sopro de Deus faz reanimar”¹. Victor Hugo e Alfonso de Lamartine coincidem nesta concepção palingenésica do ser. Ambos sentiam “misteriosos estremecimentos” ao encontrarem-se frente a ruínas antigas; percebiam como a sombra de “outra sombra” se projetava sobre o presente. De fato, estes gênios da gaia ciência somente pela idéia da pré-existência das almas puderam alcançar tão alto nível lírico e religioso. Isto nos mostra que a criação poética voltará às suas verdadeiras fontes quando o poeta se reconhecer como um ser que nasce, morre e renasce. Em suma, a poesia palingenésica será o que despertará a alma encarnada de seu sono terreno e que lhe fará recordar suas vidas anteriores entretecidas de misteriosas longitudes espirituais.

1. Citado por Petit de Juleville em sua *Histoire de la littérature française*, t. VII. N. do Autor.

COINCIDÊNCIAS IDEOLÓGICAS COM JOSÉ GARIBALDI E JOSÉ MAZZINI

Todo o vocabulário filosófico de Victor Hugo se assemelha a esse tom dramático que possuem as comunicações mediúnicas. Se se fizesse um estudo das melhores páginas que constituem a literatura mediúnica, ver-se-ia que elas possuem o mesmo estilo do grande poeta francês. O vate de Jersey parecia estar continuamente em transe mediúnico. Por isso a sua doutrina é a do infinito, onde o Ser se mostra como uma partícula divina que eletriza a essência cósmica e universal. Mensagens psicografadas como as que apresenta um livro intitulado “Símbolo ou o túmulo fala”¹, corroboram o que dissemos. Há nessa obra mediúnica páginas de um dramatismo espiritual que fazem pensar no estilo victorhugueano. É que no invisível está o mundo das almas onde o grande e majestoso tem suas raízes.

De fato, a literatura mediúnica não é convencional nem fictícia; pelo contrário, brota dos abismos profundos do invisível, das mesmas raízes do imaterial, onde o gênio só pode falar a linguagem do eterno. O poeta concebia em sua cosmogonia

1. Obra editada em Paris, em 1933.

um homem imortal e predestinado e, como ele dizia, sábio, visionário, pensador, taumaturgo, navegante, arquiteto, mago, legislador, filósofo, herói, poeta. De sua ideologia espiritual e poética se desprendia a mesma teleologia existencial da codificação kardeciana. A idéia do progresso infinito habitava no pensamento de Victor Hugo, pois a alma era para ele um ser que vem ao mundo pela enésima vez e não uma entidade biológica criada no instante da concepção. Sempre pressentiu que uma misteriosa pré-existência rege o destino do espírito; por isso perguntava: “Quem tem incubado essa águia? O abismo incubando o gênio? Existe maior enigma? Terão visto outros mundos as grandes almas que transitoriamente se adaptam à terra? Chegarão alguns por isso com tantas intuições?”

Assim, pois, pressentia que o mistério histórico está entretecido pelos seres espirituais que lhes dão características pessoais a seus tempos. Seu gênio se atirava frente a esses seres mecânicos e vazios quando negavam a pré-existência dos espíritos. A defesa que fazia da pedra, do burro, da flor e do anjo era baseada na unidade espiritual da criação. O pensamento de Deus estava para Victor Hugo em tudo o que existe, por isso, nada e ninguém estaria excluído do grande desenvolvimento da história natural e divina. Sua cosmovisão filosófica e religiosa respondia ao que lhe transmitiram os espíritos desencarnados durante seu desterro na ilha de Jersey, ou seja, desde que Emilia de Girardin o iniciara nas revelações dos tripés mediúnicos.

Seu trabalho poético e literário deixou de ser um artifício intranscendente, como acontece quando se escreve sem uma visão espiritual da vida. A obra de Victor Hugo, por suas raízes aprofundadas no eterno, foi uma defesa do homem ao considerá-lo como um espírito reencarnado na terra. Sua criação poética se colocou ao lado da maior revelação dos tempos modernos; por isso, disse: “O

Espiritismo é o acontecimento mais notável do século XIX”. Coincidiu assim com José Garibaldi, que afirmou: “Esta religião da verdade e ciência se chama Espiritismo”. Seu pensamento também se relacionou com José Mazzini, que escreveu uma página admirável para definir a missão da Doutrina Espírita. Ela segue transcrita na íntegra para conhecimento do leitor.

“O Espiritismo científico, isto é, a alma humana analisada experimentalmente em suas propriedades e manifestações dará tão inesperados conhecimentos nos estudos, que ante eles quedarão atônitos, abismados e se derrubarão todos os humanos edifícios políticos e morais que até o presente têm dominado.

“Pela aplicação prática da resultante do estudo do Espiritismo, uma nova ética, pura, regenerada, potente surgirá da natureza. Será o potentíssimo credo que fará morrer as mais arraigadas instituições político-religiosas que reinam sobre a terra:

“Por uma maior e mais disciplinada apreciação das leis que regem o universo, mudará completamente a orientação da ciência e o barulho inevitável que isso haverá de produzir afetará todas as manifestações da vida, que, então, se explicarão pela razão do maior, do mais santo dos conceitos: o do dever.

“É isto que suporta o Espiritismo. A luta será áspera, fatigante; mas a consequência será inevitável. De que valerá o conluio contrário de todos os animais daninhos da terra: o mais forte, indomável Vetro avança a passos largos, saturado da sabedoria e da fé dos sábios e dos heróis de todas as épocas, e com os fulgores da ciência positiva caçará as feras até nas profundezas de seu mundo interior.

“Então soprará sobre a terra as auras da paz, de gozo; do peito dos homens surgirá espontâneo um hino de louvor, de amor a Deus; a humanida-

de, perdendo o último vestígio animal que possui, voltará qual nascente mariposa, bela e pura, à conquista das mais excelsas regiões, das puras esferas.”¹

Nestes mesmos pensamentos de José Mazzini se assentava o sentir filosófico de Victor Hugo quanto ao valor histórico e social da filosofia espírita. Esse mesmo sentir fez falar também outros pensadores como Emilio Castelar, José Pi y Margall, Camilo Flammarion, Abrahan Lincoln, Victorien Sardou e outros mais, que eram solidários com a missão espiritual dos fenômenos mediúnicos. Sem dúvida, fez-se silêncio sobre o sentimento espírita de Victor Hugo, mas, nessa negação, nessa oposição sistemática é que está a origem do desastre espiritual da humanidade. Se, por um lado, querem negar que a alma é imortal, por outro, os que nela crêem negam que a alma imortal possa comunicar-se com os homens por razões já insustentáveis e que não vamos considerar aqui. Mas o certo é que somente pelo fenômeno mediúnico, como manifestação do espírito imortal é que a razão humana se inclinará reverente a Deus. Por isso, Victor Hugo aceitou o Espiritismo como mensagem salvadora para o Homem, a Verdade e a Beleza.

1. Revista *Lumen*, Tarrasa, Espanha, 1905. N. do Autor.

ATUALIDADE ONTOLÓGICA DAS REMINISCÊNCIAS PLATÔNICAS

A filosofia de Victor Hugo, assentada na pré-existência das almas, nos leva a pensar em Platão, que percebeu na antiguidade, com profunda percepção espiritual, esse mundo novo que aflora na consciência do Ser. Esse mundo interior que se apresenta imperativamente, sem respeitar o conhecimento clássico do homem propõe à filosofia uma das mais intrincadas perguntas: Existe no “tempo atual” do Ser “outro tempo” existencial?

Todo o desenvolvimento da filosofia ocidental se produziu através de um “tempo único” do Ser, ou seja, de um tempo que vai do nascimento à morte. Aceitou-se que o homem é uma personalidade, mas vazia por dentro, e esta suposição anulou o que o Ser representa como entidade profunda, fazendo dela uma peça compacta e insensível. Esta concepção mecânica do homem causou até uma negação do que o subconsciente representa como abertura do Ser para o mundo exterior. Pois o reconhecimento do subconsciente significou sempre para a nova psicologia a prova de uma dupla natureza do Ser, de um mundo desconhecido cujas raízes se encontram em uma provável natureza préontica da existência.

As reminiscências experimentadas por Platão,

ou pelo homem em todos os tempos, são fatos que evidenciam as diversas capas psíquicas que conformam seu mundo interior. Ter, pois, reminiscências é como se o Ser estivesse situado em um poço de fundo incomensurável. As emoções, sensações e idéias espontâneas que se registram no ar constituem aflorações misteriosas que, para alcançar uma explicação possível, obrigam a pensar em “reservas” subconscientes adquiridas não se sabe por que meios.

O chamado “mistério do homem” tem sua principal base nesses estados psíquicos inexplicáveis. De fato, o mistério do homem surge do homem mesmo e não de suas enigmáticas origens biológicas. O mistério é uma presença que se opõe ao homem considerado como pura natureza, o que indicaria que é “algo” ainda indefinido e que se revela contra toda “naturalidade” que queiram assinalar. No Ser existe um inconsciente misterioso, que paira sobre o consciente racional com o fim de liberá-lo das trevas do não-ser. Deste modo, a existência pura se rebela contra a existência impura, ou seja, contra a que se compraz em despencar-se nos abismos do nada.

O conceito de um homem-máquina é um obstáculo para penetrar na natureza supranormal do Ser. Os fenômenos psíquicos que através do Homem se registram estão indicando que a inteligência normal não é toda inteligência, senão que possui outras dimensões ou substratos que, como misteriosos relâmpagos se apresentam à “razão atual” do Ser para ampliá-la ao aparecer inesperadamente. A intuição, a inspiração, os estados místicos são fatos que não poderiam produzir-se se o homem fosse uma máquina ou uma só peça material. A *materialidade* do homem se opõe a toda *supranormalidade* do Ser. Um homem-corpo só vive de acordo com seus estados fisiológicos; nele não se produziriam fenômenos psíquicos de nenhuma or-

dem. O psiquismo, pois, não é de ordem nervosa; o psíquico se origina nas profundidades desconhecidas de personalidade, das quais Platão extraiu suas célebres reminiscências ontológicas.

As reminiscências platônicas, tão célebres já no campo da filosofia, se acentuam nos tempos modernos, o que daria uma idéia acerca de uma nova evolução da sensibilidade humana, da qual Victor Hugo foi genial expoente. Ou seja, o homem tem a transbordar seus cinco sentidos para afirmar-se a si mesmo outra forma sensível com que captar seu mundo interior e circundante. Pois bem, isso denotaria que o Ser verdadeiro está acima do Ser físico e que existe nele um ente extrasensorial cuja existência transborda as limitações do tempo presente.

A filosofia do Ser se veria obrigada a reconhecer no homem uma essência que se vincula com uma natureza imaterial, que estabeleceria uma relação com o tempo passado, um tempo presente e um tempo futuro, ou seja, três tipos de “tempo” que gravitariam dinamicamente nas profundidades do Ser.

Destes três tempos emergiriam os imperativos espirituais que fizeram ver a Platão o verdadeiro mundo da personalidade humana. Esta concepção do tempo nos levaria a reconhecer um tempo físico e um tempo metafísico. O Ser, desde sua verdadeira natureza essencial, resultaria um constante devir efetuado através de um tempo mortal e outro imortal, o que relacionaria um processo dialético infinito. O homem pensa mas supõe que é um Ser limitado ao seu tempo individual. Ignora que nele existe um tempo espiritual que o faz independente de acidentes aniquiladores. O Ser sente como que uma distância, algo que regressa de outro Ser que já foi e nesta circunstância surge com ele “outra personalidade” que trata de circunstanciar-se com seu presente, criando em seu mundo moral estados

harmônicos ou contraditórios. O Ser se desdobra ao aparecer sob a influência de um ente que regressa de alguma parte, o que determina nele essa instabilidade moral tão frequente no mundo moderno.

Victor Hugo captou o seu Ser passado mediante sua genial criação poética, mas o que o fez compreender melhor sua natureza imortal e palingenésica foi o fenômeno mediúnico, cuja origem noumenal surge desse mesmo mundo onde subjazem as reminiscências espirituais percebidas por Platão.

VICTOR HUGO E O SENTIDO DA HISTÓRIA

Victor Hugo cria e sabia que a história temporal, não obstante sua objetividade material, está destinada a voltar ao seio da história divina. Ou seja, que o efeito histórico deverá reintegrar-se ao seio do divino para por termo a um “tempo defeituoso”, onde o Ser se debate atacado por duas contradições existenciais.

O poeta francês compreendeu que a verdadeira poesia é uma emanção do mundo interno da natureza e que sua essência se traduz por uma voz que sobe dos abismos da alma. Descobriu na história uma sucessão de fatos cuja finalidade tem sua raiz nos séculos palingenésicos do Ser. Viu assim que a história das existências se refunde na história do seres espirituais, em cujo seio está a realidade divina do mundo dos espíritos.

Para Victor Hugo, o apocalipse terreno desembocava num apocalipse espiritual, dois processos que só se explicam pela lei da reencarnação. A história morre mas renasce com os espíritos; sua objetividade está determinada pelo encarnar e desencarnar dos seres espirituais, ou seja, pela alma dos homens, antes espíritos, que encarnam e desencarnam. Kant também pressentiu este mesmo fenômeno ao reconhecer a realidade de um mundo invisível com

a possibilidade de comunicar-se com o mundo dos homens.

A reencarnação dos espíritos é a verdadeira base da história humana, a que se mostra como processo visível na causa da história espiritual e divina que a rege. Victor Hugo acreditou nesta dualidade histórica, em uma “história humana” fundada na história divina e transcendental”.

A reencarnação dos espíritos é uma penetração da história divina e temporal e humana. O processo de encarnação e desencarnação a que estão submetidos os espíritos é a base real de todo o mistério histórico. E a poesia de Hugo foi como uma revelação através da qual a beleza contribuiu com o desenvolvimento da história em relação com a história espiritual e divina.

A inspiração do grande poeta francês captou nas suas bases mediúnicas que não haverá história natural e humana sem história espiritual e divina. Seu gênio se transfigurou de tal modo que pôde compreender que todo o humano é um processo determinado pela reencarnação dos espíritos, ou seja, que História e Reencarnação são dois fenômenos movidos pelo mundo invisível.

O Espiritismo como manifestação objetiva do Espírito de Verdade é a noção mais positiva para deixar demonstrado que o mundo dos espíritos é a base real do mundo dos homens. Opera-se assim uma transfiguração da morte pela força religiosa da mediunidade. Do contrário, o que seria a história sem a potência escatológica da mediunidade? Resultaria um fenômeno sem sentido e um processo caótico destinado à morte e ao nada.

Protanto, se a poesia de Victor Hugo foi profética é porque foi religiosa, apocalíptica porque mediúnica. Ela se uniu ao Espírito de Verdade para proclamar que Deus existe e que tudo avança progressivamente com o fim de instalar-se na Cidade dos Espíritos Puros. Os críticos olvidaram que

se Hugo foi genial é porque dentro de seu ser imortal estava a luz do mundo invisível e que se sua poesia determinou um romantismo filosófico e religioso original é porque os tripés da ilha de Jersey lhe abriram as janelas do infinito. Porque o gênio de Victor Hugo sem o fenômeno mediúnico resultaria num enigma, do mesmo modo que uma nova visão histórica sem a lei da reencarnação do ser se tornaria um caos entremeado de horror e beleza.

* * *

Victor Hugo acreditava em sua espiritualidade pessoal. Achou em seu próprio ser as bases de todo um esquema metafísico e religioso do universo. Sentia-se uma força ultramaterial por cujo motivo sua carne se transfigurava. Era um vidente que via continuamente o mais além das coisas, o que fê-lo não se deter nos caminhos puramente materiais da vida. A existência para o poeta foi uma senda que conduz ao conhecimento dos grandes enigmas da natureza.

Seu gênio não rechaçou jamais o cristianismo; pelo contrário, viu na doutrina de Jesus a mais alta e acabada expressão das divinas revelações. Por isso, sua criação poética e literária difere da de seus colegas, que consideravam o homem somente um fenômeno fisiológico. Seu lema era: “Existir para a Verdade”, mas este existir não se apoiava na efêmera vida material. Ele pressentiu um existir infinito relacionado com o mistério do universo. A vida para o poeta era uma espiritualidade invencível e triunfante.

Acreditava no eterno poque via na natureza e na história um princípio imortal, o que o fez ter fé nessa verdade inalterável procedente de Deus. Acreditou nos “espíritos” da terra e do ar, da água e do vento, como os iniciados medievais. Desde sua infância, cultivou uma filosofia espiritualista, que confirmou experimentalmente ao conhecer

a mensagem que lhe ditaram os tripés na ilha de Jersey.

Augusto Vacquerie, em seu livro *As migalhas da história*, disse afirmativamente que Victor Hugo era espírita, como o foram Teófilo Gautier, Victoriano Sardou, José Mazzini, Camilo Flammarion e outros pensadores de fins do século XIX. Acreditou realmente na imortalidade da alma e em sua evolução palingenésica. Emilia de Girardin e Eugenio Nus deram também testemunho de suas convicções espíritas, como foi confirmado na edição de 7 de maio de 1899 do “Les Annales Politique et Litteraire”.

POR QUE A CRÍTICA LITERÁRIA ESCONDE O PENSAMENTO ESPÍRITA DE VICTOR HUGO?

A crítica literária dedicada à obra de Victor Hugo nunca se dignou referir-se a suas investigações mediúnicas. Sem dúvida, sua obra é como *um relâmpago proveniente do invisível e só poderá realmente ser compreendida à luz da filosofia espírita.*

É incompreensível que a crítica tema o conceito espírita do homem e da arte, posto que não são poucos os poetas que direta ou indiretamente têm se relacionado com a mediunidade. A crítica parece ignorar que uma interpretação mediúnica da arte daria lugar a uma melhor compreensão do próprio fenômeno surrealista, que tantas vinculações possui com o fenômeno mediúnico. O surrealismo na ordem artística e literária está pois inspirado em um neo-mediunismo cujas origens, apesar dos cuidados que teve André Breton em não misturar com o mediunismo espírita, são similares às práticas kardecianas.

A poesia e a mediunidade estão intimamente ligadas. O verdadeiro poeta é sempre um médium em seus momentos de inspiração poética. Fazer pois do poeta um simples obreiro da pena seria desconhecer o que é a beleza como expressão do

homem espiritualizado. O poeta, como repentista, está sujeito a transe especiais pelos quais se pode alcançar as mais belas manifestações poéticas. O poeta não é um escritor cerebral; ao contrário, o poeta está sempre exposto ao transe poético, o que não ocorre quando as letras são cultivadas como um simples ofício. A crítica literária, dominada por antigos juízos, não se dispõe a reconhecer na obra de Victor Hugo uma inspiração proveniente do mundo invisível. Considera que um Victor Hugo espírita diminuiria o valor do grande poeta da França. Sem dúvida, a crítica terá de evoluir para o reconhecimento do fenômeno mediúnico se na realidade deseja compreender a verdadeira essência do gênio poético e artístico. Os fatos que estão se produzindo atualmente a obrigarão a despojar-se de toda a prevenção contra o mediunismo. O gênio poético foi sempre de natureza mediúnica. A beleza foi uma contínua infiltração do invisível no visível. Por isso, uma poesia sem mediunidade não será mais que um esqueleto; por isso, a crítica literária se equivoca ao deixar-se dominar por juízos intelectuais e não reconhecer o aspecto mediúnico da obra poética de Victor Hugo. Aqui estamos frente ao gênio, que será sempre um mistério enquanto se recusar a penetrá-lo por meio do que hoje se chama o *homem psi ou mediúnico*.

ADVENTO DA LITERATURA MEDIÚNICA E ESPÍRITA

A obra literária de Victor Hugo - pode dizer-se - é a origem da aparição da literatura espírita e mediúnica. Esta nova corrente nada terá de raro se recordarmos de escolas como a dadaísta, cubista, ultraísta, surrealista, romântica e existencialista, baseadas em recursos estéticos supranormais. A literatura mediúnica difere dessas correntes ao basear-se numa nova visão do homem e do universo. E mais, a literatura espírita mediúnica apresenta duas notáveis modalidades: uma baseada na criação inspirada e outra puramente mediúnica. Ambas respondem ao mesmo fim espiritual, social e religioso. Victor Hugo, iluminado pelos tripés da ilha de Jersey, acentuou de tal maneira sua criação literária que poetas e escritores europeus, especialmente espanhóis, trataram de seguir suas geniais pegadas. Salvador Sallés, o grande poeta espírita, autor do livro *Rumo ao Infinito*, deu origem a uma poesia realmente existencial. Com seu poema “En la noche de difuntos”, a poesia espírita se apresenta como uma nova esperança para o ser quando diz:

*?Por qué las lentas campanas
clamam dolientes a muerto
si del fúnebre concierto*

*las vibraciones son vanas?
Cese en la región vacía
ese lamento profundo:
desde el principio del mundo
nadie ha muerto todavía;
nadie en tan larga jornada
sufrió tan misera suerte:
no ha muerto más que la muerte,
no ha muerto más que la nada.*

Esta poesia espírita que chegou a comover espiritualmente poetas como Antonio Hurtado, Miguel Giménez Eieto, Vicente Neria, Krainfort de Nínive e até o próprio Nuñes de Arce produziu na Espanha de fins do século XIX obras de grande valor literário e filosófico. Mas foi pela psicografia mediúcnica que se obtiveram obras preciosas em fundo e forma como *Marietta y Estrella, Páginas de dos existencias*, escrita por Daniel Suárez Artazu. Sobre a mesma o filósofo espírita espanhol, Quintín Lopez Gómez, disse que era a obra literária “mais bela recebida mediunicamente em idioma espanhol”.

Em toda a Espanha espiritualista de fins do século passado a filosofia espírita produziu obras de grande valor estético e literário, especialmente na poesia e filosofia. Mas, o que realmente comoveu os críticos opositores do Espiritismo foi a monografia de Ernesto Bozzano intitulada *Literatura do além-túmulo*, onde as obras criticadas foram escritas por escritores médiuns. Na América do Sul este tipo de literatura tem produzido obras poéticas consideráveis. O psicógrafo brasileiro, Francisco Cândido Xavier, deu à publicidade livros de poemas como *Parnaso de Além-Túmulo, Antologia dos Imortais* e outros títulos de não menos importância, que desconcertaram os críticos literários. O caso dos escritos mediúnicos de Humberto de Campos, notável prosista brasileiro, resultou em litígio jurídico ante os tribunais, em razão das recla-

mações da viúva do escritor, que acreditou que seu esposo havia sido vítima de roubo de originais ao comprovar a grande similitude de estilo nos escritos recebidos por Francisco Cândido Xavier.

Os críticos e juristas brasileiros viram-se na necessidade de arquivar o assunto, porquanto qualquer decisão resultaria tendenciosa. Se condenassem o médium por roubo de originais estariam cometendo um grande erro moral e jurídico por causa de sua vida limpa e honrada, e se aprovassem seus escritos como mediúnicos estariam reconhecendo que os mortos vivem e são capazes de transmitir seu pensamento filosófico e estético aos médiuns. O certo é que a mediunidade literária de Francisco Cândido Xavier é um verdadeiro expoente das bases da literatura espírita e mediúnica. Monteiro Lobato disse que se os poemas de *Parnaso de Além-Túmulo* são de Francisco Cândido Xavier, este poderia ocupar quantas cadeiras quisesse na Academia Brasileira de Letras.

Outra escritora-médium de nacionalidade irlandesa foi Geraldine Cummins, que recebeu páginas de estilo religioso e evangélico que comoveram a crítica teológica e literária internacional. Sua obra, *Escritos de Cleofas*, foi reconhecida como uma ampliação suplementar para maior conhecimento do livro *Os Atos dos Apóstolos*, contido no Novo Testamento. Foi considerada uma obra mediúnico-literária de verdadeiro valor histórico e como “crônica sagrada” complementar de *Atos dos Apóstolos*, que nos chegaram mutilados em algumas partes, consequência da perseguição aos primeiros cristãos (ver *Literatura do Além-Túmulo*, de Ernesto Bozcano).

Este livro mediúnico chamou atenção do célebre escritor inglês Sir Arthur Conan Doyle e de destacadas personalidades católicas. Além disso, nesse mesmo período brilhante para as letras mediúnicas apareceram escritores-médiuns como Wil-

lian Sharp e Esther Downen, que receberam as partes não concluídas de trabalhos de Oscar Wilde e comédias póstumas deste mesmo autor. Seguiram-na Paciencia Worth, entidade desencarnada que, segundo os críticos anti-espíritas era “uma fração da personalidade da médium”, conceito que ela assim contestou: “Quem ousa sustentar que sou uma parte da imaginação da médium? Quem ousa dizer que uma grande intelectualidade é filha da imaginação de uma pequena intelectualidade? A voz de quem proclama este absurdo cairá sem eco. Que venha e que me una à médium se lhe apraz; o futuro di-lo-á tonto.

“Que pequena é a sua pena! A minha é de ouro e está molhada na sabedoria antiga. Não canto por cantar, mas para que meu canto permaneça. A idéia de apresentar-me como uma fração da harpa vivente que eu emprego equivale a distribuir a crianças livros, crânios, espadas, vinho e sacramentos para que se divirtam. Vede, tocô a harpa vivente e ela responde vibrando em uníssonos com a voz da sabedoria antiga”.

Não existe neste ditado mediúnico um estilo parecido com o pensamento de Victor Hugo? Não se deduz que a autêntica mediunidade literária possui expressões que fazem pensar no gênio?

Este fenômeno literário-mediúnico que ocorria na época não muito distante da presente contribuiu notavelmente para o desenvolvimento deste novo aspecto da literatura no campo internacional da filosofia espírita.

Vamos nos referir agora a um volume que colaborou de forma brilhante na luta contra a escravidão na América do Norte. Falamos dessa genial novela chamada *A Cabana do Pai Tomaz* que, segundo sua autora, Enriqueta Beecher-Stowe, não foi escrita por ela, mas que Deus a *escreveu através de sua inspiração mediúnica*.

Entre esses médiuns poetas e escritores cabe

mencionar o psicógrafo italiano Héctor Bernardini, de dez anos de idade, que recebeu em menos de seis meses 314 tercetos, “nos quais descreve, segundo disse o escritor Mariano D’Aragona, à luz da moderna razão, as penas transitórias do além-túmulo, sobre a base da revelação espírita, corrigindo assim as impressões vertidas na sua obra de seis séculos atrás”. Logo acrescentou: “Os 314 tercetos ditados ao médium de dez anos são de tão formosa feitura poética e num todo similares ao *estilo trecentesco* do divino vate, que deixaram perplexos e desorientados aos mais modernos estudiosos do classicismo. Os tercetos foram publicados em Nápoles, em 1904, em edição de escassos exemplares que foram disputados por insignes escritores, sem outra posterior edição porque o tempo maduro (assim disseram alguns) para nova revelação só recentemente está penetrando na consciência humana”.

Esta reaparição mediúnica de Dante Alighieri é da mesma natureza da que Victor Hugo obteve através desta entidade espiritual chamada *A Sombra do Sepulcro*, que disse: “Subi ao Sinai e me entenderéis no fulgor dos relâmpagos... Ascendi ao Gólgota e me vereis nos raios. Eu sou a realidade”.

O doutor Santiago Smith, presidente da Sociedade Dantesca de Londres, no último decênio do século passado obteve inequívocas comunicações mediúnicas com o grande poeta florentino, que possuíam o mesmo estilo poético e profundo. A revista *Luce e Ombra*, de Milão, publicou uma relação referente a tão extraordinário acontecimento literário, a qual conclui com esta declaração do excelso poeta: “Enquanto escuto as invocações da terra, cultivo em meu pensamento uma segunda Divina Comédia”.

A literatura mediúnica é, como se pode ver, uma nova realidade espiritual, que vem ampliar o campo das letras. Se na literatura e nas artes não

se operar um renascimento sobre a base do gênio mediúnico, ou seja, relação com o mundo dos espíritos, a alma do homem terminará por afogar-se nos abismos aterradores do niilismo e do nada. O médium-poeta e escritor é uma necessidade moral e existencial nos tempos modernos; sem ele a criação literária se converterá em um jogo de palavras vazias e áridas.

Victor Hugo sentiu em sua época a necessidade do gênio literário-mediúnico, razão porque se ufanou ao dar à cultura universal obras de raiz supranormal, que nunca serão esquecidas. Experimentou um real e vivo contato com o mundo invisível que, lamentavelmente, a crítica literária não quer considerar nem reconhecer. Mas seu elevado espírito está agora gravitando sobre as almas predispostas para isso que foi chamado “o outro lado das coisas”. Seu canto espiritual está chegando à terra através da mediunidade do homem e das vozes misteriosas do vento, do trovão e do mar.

OS DONS MEDIÚNICOS E POÉTICOS

Nos arquivos ainda existentes do *Círculo Intimo Lumen*, que nasceu há cerca de meio século em uma cidade próxima e Buenos Aires, encontram-se alguns poemas mediúnicos de profundidade filosófica relacionados com a espiritualidade humana de todos os tempos. São poemas-mensagens com uma finalidade: alertar os vivos a respeito do que realmente significa esse enigma que se chama morte. É uma poesia semelhante à clássica, mas em sua profundidade se percebem como que rumores de um mundo onde os mortos se transfiguram e passam a ser as verdades vivas do universo.

O homem frente a esse novo tipo de poema aparece como um desterrado, um solitário ou um prisioneiro de um planeta rude e hostil. Mas esta poesia, este poema-mensagem que saiu espontaneamente da pena do poeta-médium tem o propósito de tirar o homem dos farrapos de sua sabedoria assentada sobre a morte e o nada. O que nos quer oferecer este novo lirismo poético que rapidamente se generaliza pelo mundo? Supomos que quer despertar em nossa carne e em nosso espírito dons mediúnicos e poéticos para ajudar-nos a estar aqui existencialmente vivos, já que o demônio da derrota quer matar-nos no não-ser e na desesperança.

Estes dons espirituais serão salvadores para o

espírito humano. Se eles surgem para iludir as trevas do sepulcro, serão como asas que permitirão a nossas existências elevarem-se acima do túmulo e entrar em relação com o que criamos mortos para sempre, mas que agora vêm como estrelas para fixarem-se, risonhas e cintilantes, nos céus de cada alma reencarnada.

Se esses dons mediúnicos e poéticos servem para salvar-nos do nada, se aparecem com a sagrada finalidade de fazer-nos mais aptos a atravessar este chão sem Deus e sem Amor, bem-vindos sejam. Não vejamos neles deuses maus nem demônios traidores, nem tão pouco larvas nem entes elementais. Vejamos neles um sinal do eterno, do realmente espiritual que há no homem em toda a vida e forma que existe em nosso redor.

Daqueles velhos arquivos escolhemos estes poemas intitulados *Declaración Ultracorporal*, que dizem o seguinte:

*Vengo de un azur divino,
vengo de un reino sin muerte.
La resurrección me alza de la tumba
con estas alas celestes.
?Quién soy? ?Qué voz és la mía?
Soy un ala de la eternidad.
Vengo del corazón azul de la Poesía.
Sólo digo la verdad.*

E o poeta transfigurado pela vida espiritual prossegue:

*?Que estoy muerto? ?Que soy oscura tierra?
?Que la muerte es silencio y sombra?
No, terrestre viajero: el ataúd no encierra
este espíritu que te nombra.
Oid cómo vuelo por el azul espacio
entre resplandores de topacio.*

Em outro poema mediúnico se lê:

*Sonora corneta del aire
traigo.
Despierta carne cansada*

*de tu sueño largo.
Oid esta vez cómo los muertos
vienen como hermanos.
La muerte no acaba con ninguno,
no es licor amargo.
La muerte es un ser de luz,
es un dulce milagro.
Si crees que los muertos no cantan,
escucha mis cantos.
Yo era para la tierra un muerto,
ahora soy un pájaro.*

Neste poema, uma visão otimista e trunfal sugere-nos o poeta invisível:

*Miseria de huesos rotos,
de cenizas frías
eran los hombres invisibles
que al abismo caían.
Todo era aliento de sepulcro,
todo horrible podredumbre
con gusanos sorbiendo la carne,
con honduras sin luces.
Ahora somos resurrecciones,
somos rumores con mensajes:
los muertos de ayer somos campanas,
los muertos vestimos otros trajes.
Oh, amigo medita,
ya la muerte no es zona prohibida.*

Um poema cujo conteúdo nos obriga a pensar em Esteban Echeverría, surpreende-nos com estes conceitos:

*Soy la brisa de ayer, la del Plata,
soy la voz del progreso.
Mi manifiesto es de resurrecciones,
soy el dogma de lo bello.
Busco un nuevo Mayo,
pregono otra revolución:
los tiranos caen siempre;
sólo se eleva la Canción.
El Poeta es sonoro puente*

*para escuchar la voz de Dios.
!Arriba Argentina!, esta lira
suena de nuevo para vos.
El Dogma ahora es la luz
la Doctrina la revelación,
el Camino seguro la Cruz,
la Ley la evolución,
lo más bello una flor,
lo más potente el amor.*

Pois bem, se estes poemas brotaram do subconsciente do médium, se não foi um espírito que se expressou através dos dons mediúnicos e poéticos, do mesmo modo possuem um valor literário subjetivo; de igual maneira nos obrigam a meditar no que pode produzir o subconsciente humano; mas neles assoma um Eu, um ser, uma pessoa que se dirige à nossa condição de espíritos encarnados para iluminar-nos. São poemas personalizados, que querem nos falar de coisas transcendentais. Mostram-se com um Espírito vivo e comunicante, dando a impressão de que já passou pela experiência da morte e que agora quer referir-se mediunicamente a essa suprema experiência para ampliar nossos horizontes espirituais e mentais.

É pois um poema que pode provir das profundidades do subconsciente do espírito tanto encarnado quanto desencarnado e, notável coincidência, se apresenta como repetição do que ocorreu durante o desterro de Victor Hugo na ilha de Jersey. Porque se o nosso desterro não possui características políticas, possui por outro lado uma imagem existencial de desterro planetário, que só pelo que mediunicamente sabemos podemos suportar. Não em vão o poeta espírita espanhol Salvador Sellés exclamou: “A nostalgia do céu me consome!”

E estes dons psíquicos que surgem do homem como faculdades salvadoras nos falam do vento, de um vento que varre e limpa nossos sepulcros corporais:

*Mi viento es soplo armonioso
que derriba sistemas de sombra;
mi viento es fuego que quema
las lágrimas de los que lloran.
Soy viento inmortal: escuchadme.
En las tumbas no caben mis alas.
Soy el viento que llama y escribe
este canto que salva.
Soy viento que sopla barriendo
polvorientos esqueletos.
Soy el viento que vence a la muerte,
soy siempre el Viento.*

León Felipe, que em seu poema “El Salto” canta a reencarnação, disse que o vento é um deus invisível, um ser vivo e transparente que dá música de eternidade à poesia. Que este vento do Espírito e dos Espíritos tão querido por Victor Hugo sopra sobre nossas angústias existenciais e ajude nossas asas a elevar-nos na imensidade sempre sonora, sempre viva, sempre azul. E que Deus nos fale cada vez mais por estes dons poéticos e mediúnicos para ressuscitar-nos continuamente desta morte espiritual de todos os momentos.

SÍNTESE

É lamentável que nas esferas literárias não se leve em conta esta quarta dimensão da literatura que nos descobre a mediunidade. Aceitaram-se as orientações estéticas do surrealismo, mas como um fenômeno ligado ao subconsciente caótico e de raízes fisiológicas. Sem dúvida, o autêntico fenômeno surrealista é uma introdução ao mundo invisível, ou seja, uma vinculação com o Ser que a morte não poderá destruir jamais. O surrealismo é um movimento psíquico cujas bases espirituais se acham no mediunismo. Isto nos obriga a pensar que a beleza não está morta, mas que sua reaparição se fará quando for reconhecido na criação literária que no Ser encarnado do escritor podem penetrar influências de entidades desencarnadas. Porque, à luz do Cristianismo e do Espiritismo os grandes gênios da literatura mundial não são absorvidos pelo nada. Não caíram para perder-se definitivamente nas cegas evoluções da matéria.

A Beleza, porém, não pode morrer. As chamadas a favor do triunfo da arte sobre o cotidiano, lançadas por Ortega e Gasset, respondem a esse anelo espiritual de imortalidade que se agita no espírito do gênio. As grandes obras poéticas e literárias são uma prova em prol do sentido transcendental que possui o destino humano. A nova literatu-

ra será uma defesa da alma contra as terríveis metas do materialismo. Se tudo é morte e nada, que valor moral possui a obra literária de um Victor Hugo, Tolstoi, Dostoiewski, Dante, Goethe? Por que cantam tão admiravelmente Whitman, Neruda, Lugonen, Borges, Bécquer?

A Beleza não pode ter origem em um homem destinado à morte e ao nada. A beleza provém do espírito fecundo e imortal, desse infinito onde se encontra instalado o verdadeiro homem. A poesia de agora em diante será escatológica e soteriológica. Relacionará o Ser com o eterno e o salvará desse verdadeiro perigo existencial que é o nada.

Se Miguel de Unamuno gritou tanto como pensador e poeta, reclamando a imortalidade da alma, isso nos indica que o gênio não se resigna a extinguir-se na noite dos túmulos. Não em vão Unamuno formulou estas perguntas: “Por que quero saber de onde venho, onde vou, de onde vem e onde vai o que nos rodeia, e o que significa tudo isto? Por que não quero morrer de todo e quero saber se haverei de morrer ou não definitivamente?”

FISIONOMIA ESPIRITUAL DE VICTOR HUGO

Victor Hugo via nas crianças seres falando com o invisível, mas também descobria nelas gigantes que regressavam de misteriosas distâncias. Para o poeta, as crianças eram seres não estranhos à terra. Ele as considerava viajores, que regressaram ao mundo depois de uma prolongada ausência.

Opôs-se enfaticamente à pena de morte. Lutou contra ela como poeta e legislador. Por isso, pôs na boca de um pontífice estas palavras: “Com que direito despojais a alma da casca do corpo, para apresentá-la em sua espantosa nudez ante a eternidade?” “Sabei, humanos, que morrer é nascer em outra parte”.

O poeta respeitava até a vida de um inseto. Para os grandes espíritos a vida espiritual não tem tamanho. Não se esqueça que o mais pequeno pode conter a partícula do gênio. Sentia-se a criatura do Universo, pois percebia em cada astro o rumor de uma origem e a futura morada que o ser poderia habitar. Seu espírito era de uma ressonância cósmica e foi isto que o afastou do niilismo materialista.

Em um de seus livros, escreveu: “A produção das almas é o segredo do abismo”. Mas este segredo foi-se-lhe revelando com a sabedoria tiptológica.

ca que conheceu em seu desterro na ilha de Jersey. Supôs, assim, que cada homem é o resultado de infinitas existências vividas pelo ser e que Deus só será uma afirmação da justiça pela lei espiritual da reencarnação.

Para sua concepção filosófica e religiosa, existe no homem uma sede divina e é ela que provoca o problema da persistência do eu, o que o fez dizer: “Toda a síntese de Deus que existe no mundo condensa-se em um único grito para afirmar a existência da alma”. A existência de Deus e da alma se complementam no pensamento do poeta.

Por que alguns críticos desejam desvincular Victor Hugo dos temas do espírito? Sem dúvida, essa situação se desmorona por falta de base quando ele mesmo diz: “Vê-se as grandes almas como se vê as grandes montanhas; logo, existem”. Victor Hugo não foi grande só por suas concepções literárias, mas, também porque acreditou no sentido profundo destas três palavras: Deus, Alma e Reencarnação.

Acontecia de Victor Hugo entrar em estado de meditação por longo tempo. Era assim que penetrava no invisível e seu gênio se impregnava de novidades transcendentais, que logo se traduziam por maravilhosos poemas. Toda a poesia de Victor Hugo é uma entrada no mundo profundo da metafísica e da religião.

O enigma mais apaixonante para ele era a natureza do gênio. Fez indagações filosóficas para conhecê-la, mas foi pela poesia que ele contestou com maior acerto: “Deus, ao criar Homero, criou o infinito”. E concluiu: “O gênio é inexorável: tem sua lei e a cumprir”. De fato, o gênio é uma consequência do destino e uma aproximação a Deus.

Os poemas de Victor Hugo eram líricos, históricos e religiosos. Constituíam verdadeiras manifestações de sabedoria, pondo de lado a técnica para ficar no esotérico. O que de sua inspiração saía

eram revelações procedentes das mais profundas raízes do ser. Disse ele: “Em minha profundidade misteriosa tudo vibra”. Mas, qual era essa “misteriosa profundidade” de que falava? Atrevemo-nos a dizer que era o abismo vivo e aceso do mais profundo do ser, cujo devir espiritual é uma consequência de sua incessante reencarnação.

Os poemas de Victor Hugo têm conexão com os profetas maiores da Bíblia. Houve quem dissesse que a causa disso era o fato dele ter sido a reencarnação de Isaías; mas nós acreditamos que ele foi realmente inspirado pelo mundo invisível.

O poeta, segundo dizia Antonio Machado, é um espírito que tende para o mistério. Outros opinam que é apenas um ser humano e natural e o que escreve se deve às suas predisposições cerebrais. Sem dúvida, na personalidade de Victor Hugo existiram rasgos que desfazem essa apreciação. Sem colocá-lo em plano sobrenatural, acreditamos que o poeta possui uma sensibilidade que não é consequência do seu sistema nervoso, nem do peso e volume de seus lóbulos cerebrais. Cremos que no poeta existe uma condição supra-sensível mediúnic, que lhe permite captar a alma oculta dos seres e das coisas. a beleza poética não é mais que uma profundidade existencial próxima do místico e do religioso. Assim é que tanto a inspiração como a revelação, o poético, o místico e o mediúnico outra coisa não são que situações determinadas pela natureza supra-sensível que possui o poeta. Sobre essa concepção têm falado amplamente Bremond e Jacques Maritain.

Na América, eminentes poetas têm-se relacionado com o poético supranormal. Recordemos Walt Whitman, Rubén Dario, Leopoldo Lugones, Amado Nervo, Ricardo Rojas, Arturo Capdevilla, Juana de Ibarbouru, etc. Todos eles se sentiram ligados ao invisível, ao numioso, supranormal. Foram poetas-médiuns que captaram as essências po-

éticas tanto do mundo visível quanto do invisível. Tinham o mesmo ser e o mesmo tom poético de Victor Hugo. Eis como a poesia eleva as almas à região dos iguais.

Não olhemos o poeta como um ser fisiológico, posto que no meramente orgânico não podem manifestar-se os conteúdos da *Divina Comédia*, de Dante; do *Canto a Mim Mesmo*, de Walt Whitman; do *Martín Fierro*, de José Hernandez; do *Tabaré*, de Juan Zorrilla de San Martín. O poeta demonstra que a alma pode ter aquilo que se chama “emancipação” e captar assim as essências vivas da beleza e da verdade. Se o poeta fosse nada mais que carne e osso, como se explicaria a grandeza oceânica de um Pablo Neruda que, não obstante sua adesão ao materialismo histórico, sentia-se a si mesmo como um espírito reencarnado?

A existência do poeta é uma prova da natureza espiritual do homem e de seu existir infinito. Victor Hugo orava em suas solidões, razão porque escreveu muitas páginas depois de ter meditado na existência de Deus.

Quando escreveu *Os trabalhadores do mar*, manifestou suas profundidades oceânicas tanto no poético como no religioso. O mar em seu ser profundo bramava furiosamente. As rochas de seu ser eram açoitadas pelo mar divino do universo; por isso, esse abismo aquático foi para ele o melhor símbolo para compreender sua própria alma. Quando se disse Hugo poeta, disse-se mar arrebatando sobre as costas da eternidade. Digo que escutava as vozes do oceano para perceber nelas a noção de que a morte não poderá aniquilar o gênio nem o mais minúsculo ser da criação.

Há quem diga que acreditar em Deus e na Alma é um inconveniente ao trabalho em favor de um mundo novo. Que Deus e Alma são dois anestésicos para adormecer as forças revolucionárias do homem. Acreditamos que Victor Hugo foi um

exemplo contrário e perfeito dessa apreciação sustentada pelos teóricos sociais do mundo moderno. Consideramos que a verdadeira revolução se dará através das novas idéias sobre Deus e Alma. Sem elas tudo estará morto e vazio, já que a verdadeira prostração das forças revolucionárias se origina da falta de sentido espiritual que se quer ver em tudo que existe. Pois, se lutar por um mundo novo tem como prêmio a morte e o nada, o homem só deveria dedicar-se a desfrutar dos prazeres materiais, já que seu porvir será um tenebroso e infinito não-ser. Victor Hugo cria em Deus e na Alma e era um poeta revolucionário tanto na ordem social quanto na espiritual.

O autor de *Os Miseráveis* escrevia vertiginosamente, sem se incomodar com o estilo. Era uma fonte incontível; seus escritos brotavam de seu ser, de suas essências mais profundas, de suas raízes poéticas fundidas no invisível. Foi um paradigma do poeta-médium, mas, não obstante, a grandeza de suas criações não era resultante apenas da intervenção de seres desencarnados. Não se esqueça de que ele era o médium do mar, do vento, das tempestades, do abismo, do bosque, da montanha. Era médium de toda a criação: do pássaro, do cachorro, do boi, da ovelha, da árvore, da erva, da água, da rocha, dos astros, das estrelas. Era, pois, o médium de tudo o que existe; por isso, escreveu como poeta-médium, já que o fundamental para ele é que o espírito falava e não apenas a parte visível da realidade.

A religião do poeta se baseava na do Ser encarnado e desencarnado. Uma igreja invisível era para ele o sustentáculo do verdadeiro ato religioso. Sentia-se unido a Deus, mas nem por isso era o servidor ou partidário de uma cultura anacrônica e retardatária. Como poeta, penetrou no mistério da morte, mas nem por isso deixou de aprofundar-se no vasto campo das contradições humanas.

Colocar em ordem as páginas vertiginosamente escritas foi coisa muito complicada para Victor Hugo. Apesar de ter seus pés na terra, escrevia com o estremecimento de um Leviatã espiritual. O mundo invisível se concentrava sobre ele como um poderoso vento, que movia sua pena incontivelmente. Não é em vão que nas palavras de Jesus o espírito é o vento que “sopra onde quer”. Leon Felipe, o poeta espanhol que acreditava na reencarnação das almas, teve no vento seu *daimon* poético. Esta força da natureza foi sempre um médium entre a matéria e o espírito. O vento do espírito roçou a frente de Victor Hugo, fazendo dele o poeta-médium das coisas visíveis e invisíveis.

JEAN-PAUL SARTRE E VICTOR HUGO

Eis dois nomes que representam duas concepções de vida: o primeiro é um apologista da matéria, o segundo um defensor do espírito. São duas figuras que sintetizam duas interpretações do Ser; o primeiro sustenta que a única realidade é o nada, o segundo afirma que a criação responde à vida.

Jean-Paul Sartre quer modificar o mundo sem achar para o homem um sentido; Victor Hugo sustenta que o mundo se modificará indiscutivelmente pela própria evolução do Ser. O primeiro é um filósofo da negação e sobre essa base deseja dar à sociedade e à história um devir. O segundo é um poeta e revela o que a realidade encerra em seu mundo interior. Sartre impõe ao Ser um processo assentado no nada, Hugo descobre a teleologia do espírito e mostra-a cantando.

O primeiro filosofa sobre a base da Negação; o segundo desenha preciosidades cósmicas sobre os cimentos da Afirmação. Sartre encarna a fealdade externa do mundo; Hugo é o vidente da beleza humana e divina. O primeiro vê em tudo uma espantosa e sombria solidão; o segundo capta em tudo o que existe um Ser latente que procura mostrar-se como uma realidade da essência do universo.

Jean-Paul Sartre faz filosofia para ao mesmo tempo negá-la; Victor Hugo elabora uma nova po-

esia para ampliá-la continuamente. O primeiro se compraz em anunciar o triunfo e o império da morte e do nada; o segundo demonstra que a vida é uma manifestação da essência divina, afirmando-se em seu Ser infinito.

O filósofo Sartre escreveu *O Ser e o nada* para anunciar à humanidade que tudo morre e se extingue no nada. Mediante uma complicada linguagem metafísica, busca demonstrar que do nada surge o Ser para reintegrar-se nele sem nenhuma finalidade existencial. O Ser é o nada e o nada é o Ser no pensamento de Sartre, que parecia regozijar-se ao se entregar a essa suicida elaboração metafísica.

O humanismo de Sartre se funda na negação universal do Ser. Nega o espírito, o sentido da vida, a verdade, a moral, a liberdade e, finalmente, a existência de Deus.

O poeta Victor Hugo escreveu *A legenda dos séculos* para demonstrar em primeiro lugar o significado do universo, a afirmação da vida, a evolução e o desenvolvimento dos espíritos, aceitando a existência de uma Causa Suprema. Assim, Hugo penetra no aparente caos do mundo e extrai de suas profundezas a ordem e a finalidade. Demonstra que tanto o planeta terra como os demais mundos do universo formam um imenso cenário sobre o qual se assenta um plano do que existe. Disse à humanidade que o homem não existe em vão; assinala que a vida tem um significado espiritual e que tudo é chamado a transformar-se para elevar-se a estados superiores. Hugo possuía a divina vidência do universo; via om os olhos do espírito o que está escrito nas páginas do infinito. Descobre assim que o homem é imortal e que, mediante uma criadora palingenesia, se aperfeiçoa até alcançar os níveis mais altos da sabedoria. Para Victor Hugo o nada não existe; ele sustenta como único saber a Afirmação do Ser e o Sentido espiritual do homem e do universo. Ainda em meio ao mal,

faz ver à criatura humana que ele é uma etapa para chegar ao bem. Por isso, apesar das mais duras contradições históricas e existenciais, afirma como única realidade a existência do bem.

Em Sartre está o nada como base de todo o humanismo social e filosófico. Sustenta que o advento de um estado superior na terra se dará sobre a base de uma liberdade assentada no nada. Aspira a uma sociedade socialista, onde o bem e a igualdade desaparecerão ontologicamente no não-ser. Quer criar uma igualdade social para que o homem não se sinta vencido pelo pessimismo existencial.

Em Victor Hugo está a vida como fundamento do Espírito, da Justiça e da Beleza. Para ele, todos os planetas estão povoados por seres inteligentes; sustenta a doutrina da pluralidade dos mundos habitados relacionada com a filosofia da pluralidade das existências da alma. Pela poesia, capta os fraternos rumores do mundo invisível. Cantou que morrer é nascer em outra parte e nascer é morrer no mundo do espírito, dizendo que o nada é uma ilusão dos sentidos.

Jean-Paul Sartre é o sustentáculo do existencialismo ateu, de negação e do não-ser. Victor Hugo é o propulsor do espiritualismo espírita, da imortalidade da alma e da palingenesia espiritual. Sartre vê no mineral, na planta e no animal cegos resultados da matéria inconsciente. Não alcança a profundidade infinita da vida, que existe nos olhos de um cão, de um cavalo ou de um réptil. Para ele, o mineral, o vegetal e o animal não são mais que resultados da casualidade. Para Victor Hugo, um mineral está presente na vida esperando o momento de sua manifestação; no vegetal toma alento a inteligência do Ser em vias de evolução e no animal encontra-se o espírito em situação rudimentar, esperando sua divina transformação: passar da forma em que se acha à hominal.

Como se vê, em Victor Hugo tudo é chama-

do a ser, a evoluir, a aperfeiçoar-se, a chegar ao mundo da consciência para melhor compreender toda a criação.

É heresia, ateísmo e ofensa à essência da religião este esquema do homem e do universo sustentado pelo autor de *As Contemplações*?

Creemos que não, pois não cabe nesta cosmovisão nem ateísmo nem heresia. Pensamos que nesta visão de Victor Hugo, terminantemente oposta ao conceito niilista de Jean-Paul Sartre, está o verdadeiro sentido do ser e do mundo, como demonstração viva e real de que Deus é amor, como dizia João, o evangelista.

Eis, aqui, enfim, duas visões da existência: uma que proclama a morte e o nada como únicas realidades do ser e outra que demonstra a eternidade da vida, a potencialidade do espírito frente ao nada e seu aperfeiçoamento divino pela lei dos renascimentos. Duas visões do mundo das quais depende o futuro da civilização e da cultura; dois esquemas a respeito do ser e da vida sustentados por dois homens: o primeiro cego e enganado pelo Nada e pela Negação e o segundo iluminado pelo espírito e a verdade.

Sem uma dignificação espiritual do poeta e do escritor sobre a base de uma segura convicção de sua imortalidade pessoal, a decadência moral das letras e das artes será inevitável. Assim como Nietzsche proclamou a morte de Deus, o niilismo lançará este desolador grito: a Beleza está morta. Por conseguinte, a aparição do mediunismo poético e literário é uma necessidade moral num momento em que tudo se reduz a sensações e prazeres corporais. Do contrário, será o avanço desse existencialismo sobre cujas bases se pretende assentar um esquema niilista e ateu do homem e do universo.

Se o nada é o que rege o processo histórico; se a morte é o sustentáculo da vida espiritual do ser, a humanidade está vivendo de ilusões. Toda

ânsia de verdade, de justiça e de beleza é uma incongruência ao não responder a nenhum sentido espiritual da existência.

Prosseguindo-se nessa negação do fenômeno mediúnico por temor ou por prejuízos; continuando-se a buscar uma intrincada explicação do mesmo a fim de não aceitar nele a presença do Espírito, estaremos secundando ao Nada, ao Ateísmo e à Morte. Estaremos indo de encontro à vida infinita para reclamar outra finita e sem sentido, cuja única meta é, o não-ser.

Acreditamos que o mediunismo literário merece ser considerado como uma possível realidade espiritual pela crítica de nosso tempo. Este novo tipo de literatura resultará como uma blindagem espiritual frente ao materialismo imperante, pois o homem, como expressão altamente tecnológica deverá saber, nestes momentos, de onde vem e para onde se dirige. A mediunidade tanto literária como filosófica deverá levantar sua divina lâmpada no meio desta noite terrenal para salvar a raça do ódio e do nada.

ADENDO

PERGUNTAS SOBRE O PRÓPRIO EU

A filosofia de todas as idades pergunta pela existência do Eu individual. Fizeram-se perguntas, muitas técnicas certamente, sobre este Eu que nos conforma como um Ser existente, perguntas que não têm chegado à carne viva do homem: existir nos braços da incerteza e sobre a obscuridade do nada.

Eu sou um eu, tem-se dito; mas este não foi nunca o real e objetivo, senão um eu acadêmico, envernizado por complicados tecnicismo psicológicos, metafísicos e ontológicos. Um eu que ao sair do âmbito oficial se esfuma como realidade existencial, surgindo dela um Ser sem nenhuma relação com a realidade humana. Quer dizer, é um eu desvinculado do dramatismo da vida diária em cujas esferas prova-se a veracidade espiritual do Ser.

Falou-se de um eu superficial, baseado no conceito fisicalista da vida, pois para a filosofia oficial o homem não possui profundidade espiritual nem existencial, pois o considera uma “massa fisiológica” e um mecanismo sem mundo interior. Mas o pensamento tem apetências que se tornam imperativos em todos os níveis ideológicos. Estas apetências são causadas pela sede de verdade que existe no eu e se sobrepõem ao físico e corporal, porque nisto está a vida do homem e de seus processos interiores e exteriores.

Que é o eu? pergunta a filosofia, ao que se pode juntar: quem sou eu? Nestas perguntas se concentra a essência ontológica do Ser e do mundo. São duas perguntas que persistem nas investigações filosóficas. O *que* e o *quem* constituem o saber ontológico que perdura com muito valor num momento do homem em que tudo muda e se confunde.

Afinal, existe o eu para “algo” ou é o resultado de uma cega casualidade? O eu é uma entidade com dimensões ainda desconhecidas ou só existe para entrar no nada?

Dir-se-á que estas inquietudes foram experimentadas pela alma humana em todos os tempos do planeta. Mas aqui, por sua urgência, pode-se perguntar: quem deu sobre elas um resposta capaz de satisfazer a alma da humanidade? Quem demonstrou sobre as bases da experiência que o eu é um Ser profundo com dimensões desconhecidas? Quem demonstrou que no eu físico pode estar o eu metafísico?

Esta última foi aceita sempre teoricamente, o que nada representa ante o mundo material da inteligência. Agora se trata de uma demonstração material, da mesma carne do homem, de uma metafísica existencial e viva do eu. Pois bem, aspirar a esta demonstração não é estar nos campos de uma “má filosofia”, mas buscar o homem e a vida como realidades espirituais que se sobreponham a todos os conceitos nihilistas do Ser.

O eu, porém, sempre sedento de infinito, não se detém à direita nem à esquerda da filosofia. Seu Ser profundo se sobrepõe ao conceito de “massa fisiológica” para lançar seus brados existenciais. A consciência moderna não se aquietará ante suposições teóricas; se o subjetivo não se transforma em realidade prática e objetiva, o eu prosseguirá reclamando um saber que esteja de acordo com suas profundidades ontológicas. Seguirá reclaman-

do “direitos espirituais”, posto que intui que existe nele um Ser que luta por instalar-se como uma realidade no mundo. É como um novo Ser que é vida com disposições espirituais bem diferentes das do passado, ansioso de encarnar no histórico e conduzi-lo mediante um novo processo tanto material como espiritual.

A PRÉ-EXISTÊNCIA COMO BASE EXISTENCIAL DO EU

Se o eu existe, é para a vida ou para a morte? Essa idéia de regresso que se agita nas profundezas do eu pode ser tomada como uma prova de sua perdurabilidade espiritual? Se o eu presente que o seu nascimento é um regresso, isso nos leva a supor que possui um pré-existir e não apenas um existir presente. Intui que regressa porque possui, de fato, um pré-existir ou um tempo anterior ao atual. Sente que regressa porque já esteve em alguma parte, o que assinala que seu presente existir se baseia em um pré-existir.

O eu existe hoje porque existiu antes e existirá depois porque existe agora. E por esse encadeamento de pré-existências, existências e super-existências o eu se afirma sobre a base de um novo existir consciente e definitivo. Deste modo, o homem reconhecerá um eu existencial responsável por seu crescimento como personalidade espiritual, até alcançar o sentido palingenésico de seu próprio Ser.

O eu ao possuir uma pré-existência poderá projetar-se sobre o passado, o presente e o futuro até perceber o enlace do humano e do divino. Sem pré-existência, o eu não passa de um Ser limitado às relatividades do presente. Existe sim uma conexão

com o passado e o futuro. A história possui para ele apenas uma face, que consegue perceber com seu sentido de presente. Mas com o tempo pré-existente, o eu é um Ser comprometido com o histórico em razão de sua participação no tempo passado que, para a filosofia universitária, carece de vinculação com o eu do tempo presente. O eu está comprometido com o histórico por causa de seu estar no pré-histórico, como o estará, por sua permanência no histórico atual, com o supra-histórico e o futuro histórico.

A pré-existência do eu é uma prolongação do Ser desde o antigo e uma projeção para o novo. O eu já foi ontem e será novamente amanhã por ser hoje. Como se vê, a idéia da pré-existência determina no eu um enlace dialético que esclarece o processo histórico e nos dá essa historiosofia cristã de que falou Nicolas Berdiaeff.

A idéia de regresso experimentada pelo eu é o resultado de sua natureza pré-existente. O eu intui que volta de algum lugar porque seu Ser provém de um passado que, à medida em que se atualiza em sua memória, recorda seu pré-existir constituído por uma série de extratos existenciais. Do que se infere que o eu é uma sucessão de seres que passaram através de um tempo infinito. Esta sucessão de seres que constituem o eu atual é o que determina a segurança de sua pré-existência e dá fundamento à sua natureza imortal. O eu, em suma, é infinito por causa de seu pré-existir, já que sem ele não seria mais que uma máquina sem capacidade de recordar ou de intuir um regresso mediante a penetração de seus extratos pré-existenciais.

A imortalidade do eu tem sua base em sua própria pré-existência. Nenhum eu pode ser e existir sem que nele não exista uma acumulação de idades e de tempos, pois todo eu é uma formulação sucessiva de outros eus cujas imagens estão gravadas em sua memória histórica. O Ser é uma teoria

de eus que não se decompôs através do processo histórico em razão de uma acumulação de experiências existenciais.

O eu perdura através do tempo histórico e avança para seu próprio estado absoluto, ou seja, para sua perdurabilidade imortal por causa de seu Ser pré-existencial. O passado nele traz intuição, que se traduz pela lembrança de “algo” que regressa para sustentação de seu Ser imortal. Em suma, a pré-existência do eu é que assegura ao Ser “salvar-se” do nada, desse nada que destrói tanto o passado como o presente e o futuro, simultaneamente.

O NASCIMENTO COMO UM REGRESSO DO EU

O eu existe não obstante as negações que pretendem destruí-lo. Há nele um Ser que existe para algo transcendental, como se penetrasse na realidade material para sobrevir um “existente corporal”. Mas o eu não é um existente corporal; sua existência, quando está no mais profundo de si mesmo, vislumbra ou pressente novas representações existenciais.

A isso se poderia objetar o seguinte: o eu nasce como todo o humano, por conseguinte está exposto ao finito e ao relativo; é o resultado de um nascimento fisiológico e é, por isso mesmo, um fator psíquico determinado por combinações fisiológicas, o que o situaria em um plano puramente material. Porque se tem acreditado sempre que tudo o que nasce está sujeito a deteriorar-se, a categoria das coisas finitas. Sem dúvida, sua afirmação como Ser existencial tem numerosos recursos a seu favor; contudo, o mais decisivo é essa percepção em si mesmo de uma presença anterior em seu Ser atual. Essa presença faz pressentir ao eu que seu nascimento não é um fenômeno fisiológico, mas um regresso, um caminho pelo qual vem avançando através de um tempo infinito.

De fato, o eu se sente como um-ser-que-nas-

ce, mas sabe que regressa ou que vem de alguma parte. Seu nascimento não anula sua sede de imensidade; pelo contrário, sem deter-se frente ao que nele é do ponto de vista corporal, continua sentindo-se em seu Ser como “algo” que regressa, que é alguém que se está formando através de um mundo que dura pelo espaço e tempo.

O que se agita no eu profundo está comovendo as bases do saber materialista. Pois, enquanto do fundo do eu surgirem idéias e novas apetências gnosiológicas, o saber resultará sempre inseguro, já que seus dogmas só se converterão em realidades experimentais se se consegue demonstrar que o eu não é mais que uma “massa fisiológica” ou uma consequência psíquica segregada pelos lóbulos cerebrais.

Nas profundidades do eu está o novo saber da existência do Espírito. E isto não é uma simples expressão, posto que existe uma dialética do eu pela qual sua natureza e seu Ser se compreendem como o regresso de alguém que quer fazer-se presente no cenário do mundo. Essa dialética do eu é que determinará uma nova realidade nos campos do conhecimento, ou seja, uma realidade mutante e progressiva cujas raízes se acham nos tempos pretéritos do Ser. Será um eu que se manifestará no temporal para dizer: *eu fui, logo sou e serei eternamente.*

A CONSCIÊNCIA PALINGENÉSICA NOS HOMENS E NOS POVOS

Sem dúvida alguma, é no Oriente que a concepção palingenésica do ser tem as mais profundas raízes. Embora sua interpretação seja lamentavelmente estática entre os orientais, a idéia dos renascimentos é uma realidade espiritual e religiosa. Países como Índia e Japão têm-na como “base moral” do mundo. No Egito e na Grécia, a idéia palingenésica do homem é interpretada como uma sucessão de provas planetárias, o que fornece ao Ocidente bases para os primeiros vislumbres de um conceito reexistencialista do Ser.

Na Grécia, a idéia de reencarnação expressou-se através desse luminoso fenômeno poético que são os poemas órficos. Os poetas dessa escola sentiam em si mesmos o imperativo moral das vidas sucessivas, que surgia inesperadamente dos extratos mais profundos do subconsciente. Filósofos como Sócrates, Platão, Pitágoras, Apolônio de Tiana e Empédocles apresentaram-na como uma realidade em suas concepções filosóficas. Em quase toda filosofia órfica e druídica está presente essa idéia do renascimento do Ser que Nietzsche denominou *eterno retorno*.

Platão escreve com toda a clareza a idéia da reencarnação em *A República*, *Fedra*, *Timeu* e

em *Fédon*. Em *Fedra* lê-se: “É certo que os vivos nascem dos mortos e que as almas dos mortos renascem ainda”. Em *Fédon*: “A alma é mais velha que o corpo. As almas renascem sem cessar do Hado, para voltar à vida atual”.

Este pensamento socrático-platônico sobre a reencarnação não foi valorizado ontologicamente nem teologicamente como seria correto, fazendo com que caísse como que um véu sobre a mentalidade do Ocidente. A história da filosofia não penetrou, como era de se desejar, na exposição palingenésica de Sócrates, Platão e Pitágoras. As chamadas “reminiscências platônicas” deveriam ter penetrado fundo no pensamento filosófico do cristão; ter-se-ia evitado assim, a tragédia agonística e existencial de homens como Pascal, Nietzsche, Kierkegaard, Chestov, Unamuno e de existencialistas como Sartre, Camus, Berdiaeff e de até alguns tomistas contemporâneos. O homem como *expressão da existência*, ou seja, como lei da reencarnação teria dado ao pensamento do Ocidente um novo sentir sobre a vida e a história. Um novo dinamismo moral haveria surgido do chamado sentido trágico da existência. A vida como prova planetária do Ser estaria assentada na sucessão de existências vividas pelo espírito. O homem, como ocorre agora, não seria um Ser espiritual alheio aos variados processos da história; seria uma potência que do visível e do invisível manejaria conscientemente toda a realidade histórica.

Isto daria um novo sentido às responsabilidades morais dos atores intervenientes no drama universal.

A palingenesia expressou-se no Egito através dos chamados mistérios de Ísis, onde seres preparados para isso estavam destinados a revelar os segredos das vidas passadas do homem. Por isso, toda a ciência egíptológica viu-se na necessidade de voltar ao passado em busca das verdadeiras raízes

do Ser e da pessoa humana. Na Grécia, as vidas sucessivas do homem e dos seres era ensinada nos mistérios de Eleusis, tão profundos como os de Ísis. Mas, nos segredos eleusinos intervinham os mistérios de Perséfone, que simbolizavam a representação existencial dos renascimentos do homem.

Toda a arte grega está impregnada dessa beleza espiritual cuja origem se encontra na mentalidade palingenésica, que prevalecia entre os maiores pensadores da antiga Hélade. A beleza entre os gregos não era apenas uma idealização do Ser, mas uma expressão divina da vida como função vivente dos atos morais do homem. A beleza era entre os antigos gregos um estado superior da alma, que se engrandecia cada vez mais pela prática do Bem e da Verdade.

Mas esta idéia palingenésica do homem encontrou também seu clima favorável no império romano. Os homens mais destacados desse período, como Ovídio, Cícero e Virgílio, sustentaram-na em suas obras literárias. Virgílio cantou-a em *Eneida*, dizendo que a alma ao fundir-se com a carne perde a noção de si mesma. Embora não se tenha estendido muito na cultura romana, seus mais ilustres pensadores consideraram a idéia palingenésica como uma realidade necessária para explicar os variados assuntos psicológicos do Ser.

A fortaleza e têmpera dos antigos romanos deveu-se a esse conhecimento da lei da reencarnação que possuíam. César, em seus *Comentários sobre a guerra das Gálias*, fez alusão ao caráter imperturbável que possuíam os druidas frente à morte, por causa da consciência palingenésica que haviam alcançado. O historiador francês A. de Jubainville assim se expressou: “Nos combates contra os romanos, os druidas permaneciam imóveis como estátuas, recebendo as feridas sem fugir nem defender-se. Sabiam que eram imortais e contavam encontrar noutra parte do mundo um corpo novo e sem-

pre jovem”. Tácito confirmou também esse caráter palingenésico que haviam desenvolvido.

A idéia palingenésica do Ser e da História há de reaparecer com a mesma intensidade que possuía nas idades passadas. O gênio poético será um meio para isso; os poetas contemporâneos se inspiram nesta nova visão do Ser, tal como o gênio de Victor Hugo o fez em sua época.

FIM

DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.

Av. N. Senhora do Ó, 1782, tel. 857-6044

Imprimiu

COM FILMES FORNECIDOS PELO EDITOR